

*À Amílcar Cabral,
para que o amanhã não nos surpreenda com a sua povoação gradualmente
afidalgada
agreste, para atravessar a ponte que galga a razão entre o ser, o poder e o
saber.*

Carlos-Edmilson



Gravura que serviu de base à emissão do primeiro selo de correio da Guiné-Bissau

CONTOS

DJE

N'DJINORI *

* N'Dji nori = n'cansa = estou cansado

ÍNDICE

1) - Noiba Nobo	15
2) - Caçadores de Lagartixas	19
3) - Conto Vivido	30
4) - O Homem da Flauta	33
5) - Árvore Seca	41
6) - Serenata	43
7) - Recalcamientos	47
8) - Mafingharawé?..	80

Para a minha filha, Crys.

**Recados
para
os meus herdeiros**

Ficha Técnica

Autor: Carlos-Edmilson M. Vieira

Patrocínio: Petroniar, LDA

Arranjos gráficos: João de Barros Comunicações LDA,

Paginação Electrónica: Fernando Ferreira e Carlos Casimiro.

Impressão: Novagráfica, LDA

Editora: Edição do autor

Tel: (336) 84 45 40 79

Fax: (331) 42 89 27 93

Tiragem: 500 exemplares

À guisa do prefácio

Na Guiné-Bissau, tudo parece apontar para que sejamos invariavelmente um país cuja sina seja a *coitadessa* *. Desde a mais remota época pré-colonial ao período da luta pela independência e a consolidação desta, a nossa própria História foi imutavelmente a de epopeica resistência entrecortada com uma aparente reordenação que amiúde se nos afigura como uma paz podre e simultaneamente como uma espécie de antecâmara de um novo reboliço que se avizinha, e assim sucessivamente.

A falência de modelos ideológicos, o consequente cepticismo no domínio político por ele gerado, só deixou lugar para pulsões arcaizantes, primitivismo de consciência. As perspectivas desenvolvimentistas até aqui ensaiadas, não passaram elas próprias de uma folia mistificada a partir do imaginário colectivo que, de miragem em miragem, nos auto-impuzemos de forma masoquista no exercício da *habituée* gestão do impasse.

Neste frenesim perverso, não há espiritualidade que resista a erosão geracional dos valores culturais guineenses, por mais nobres que tenham sido e, escusado será dizer-se que da refrega que foi e é a barafunda total dos paradigmas que corporizam e corporizaram a nossa geração, ainda pode sobrar tempo e serenidade necessárias para a reconstituição da espiritualidade multiforme em que a nossa geração se socializou, sob o signo da *coitadessa* - é certo -, mas perfeitamente inserido na cadeia das contribuições dispares e várias que cumulativamente conformam àquilo a que eufemisticamente poderíamos chamar de *ethós* nacional.

Na tentativa de nos revermos artisticamente pela escrita, ante a riqueza do manancial cultural que foi a experiência da nossa geração, porventura, há-de nos faltar a perspicácia de um Gabriel Garcia Marques para descrever até a minúncia do pormenor as tergiversações que a nossa rasca geração experimentou no dealbar dos tempos. Mesmo abstraindo-se da *coitadessa* como marca primeira e eventualmente a mais marcante do nosso processo de socialização, mercê da sua forte conotação política, soçobrará a esta geração a inadiável tarefa de perenização diacrónica dos residuais toponímicos que foram os nossos referenciais colectivos: cipes, classe de saltos, império, floresta, mocidade portuguesa, Escola Técnica, Bloco, Cobiana Djaz, Juventude 71, Capas Negras, Liceu Honório Barreto, PAIGC, PIDE, Caboirá 7, Salão de Luxo, UDIB, Liceu Kwame N’Krumah, JAAC, grupos recreativos, N’Kassa Kobra, Tenankoia, Chave de Ouro, Bairro d’Ajuda, Tchon de Papel, Reno de N’Djaka, Praça, etc.

Tal exercício, curiosamente, é-nos apresentado por Noni: um colega guineense da diáspora atento a evolução do seu país não obstante as condições de ausência física que lhe impõe mais a condição de observador que observado, procurando assim nos “Contos de N’Nori” perpetuar a sua e a vivência da sua geração, numa mescla temática que oscila desde os contos infantis e estórias antropológicas género àqueles que atravessam gerações, prepassando pela crítica social duma cruel caminhada de experiência vivida e, por isso, sentida e amiúde revivida pelos conterrâneos: a euforia e a entrega cúmplice que devotamos aos ideais da luta de libertação nacional, o qual imprimiu uma forte perserverança a nossa colectiva formação moral e humana e nos transformou igualmente em testemunhos vivos do vil percurso que degenerou na putrefacção, pelo processo da perservação e inversão de valores dos nossos paradigmas geracionais.

Em escassos anos, a regra do jogo não apenas nos planos político e ideo-

lógico, mas mais fundamentalmente no económico e no cultural, desapareceu e entramos numa nova fase de catástrofes morais. Salve-se quem puder, cada um por si e Deus por ninguém. Das posturas características de todas as decadências, ao individualismo como valor-refúgio contra uma sociedade ao mesmo tempo onnipresente e ausente, máquina insolidária por excelência, as opções, na nossa Guiné, não são muitas. Aliás, as duas - a onnipresença e a ausência - combinam-se perfeitamente.

Numa só expressão inserta em *Contos de N’Nori* (“Estou cansado de estar cansado”), Noni sintetiza, porventura, o fervilhar colectivo do nosso desfalecimento numa sociedade que não obstante as mil esperanças, os mil desapontamentos, sobrenada o princípio do prazer, o culto do sucesso de toda a carreira, o êxtase da violência, os quais, no seu conjunto, foram descritos por um autor já amadurecido e em plena posse dos seus recursos, atingindo não raras vezes um profundo realismo que ajuda a entender, a sentir, o drama e o impasse da Guiné-Bissau que se prolonga até aos nossos dias.

Embora a obra vá buscar até as suas origens a realidade deste temor nacional e, por outro lado, ofereça “o amor” que figura como solução eficiente e talvez a única para o problema a que se tenha alguma vez apresentado aos guineenses. A medida do benefício obtido ficará dada pela atitude de cada qual perante os princípios expressos em “Contos de N’Nori”. Porém, estes não são outros senão as eternas lei da vida.

¹ - Pobreza em crioulo, no sentido estrito senso, mas podendo também significar, nalguns contextos, a eocação do carácter sublime do guineense em resignar-se ao sofrimento com dignidade e valntia sofrimento.

Bissau, Junho de 00
Leopoldo Amado

Posfácio

Tudo o que conhecemos da Literatura da Guiné-Bissau (aliás um caso de Literatura Nacional ainda em emergência) parece manifestar-se de modo plausível nestes "Contos de N'Nori" de Carlos-Edmilson M. Vieira. Desde logo a sua temática (ora citadina, ora rural), e mais as abordagens ou incisões que produz no tecido social sobre o qual toma o relevo: da lenda aos costumes e tradições do povo, da crónica da infância as páginas laudatórias e aos caprichos do amor, da memória histórica do país coloniado as suas vicissitudes sociais e políticas mais recentes. Depois, a natureza e a expressão da sua linguagem: uma espécie de sintonia entre a oralidade e os temas da tradição; por outro lado, as diversas experiências de uma escrita mais ou menos adequada aos fins (neles se incluindo, obviamente, a finalidade literária) e culminando no mais belo e elaborado conto deste volume: "Mafingharawé?". Um texto que é um libelo de acusação em concreto em abstrato, talvez a metáfora poética e algo surrealista dum país em tempo de anarquia, violência e dissolução. A história fiada e em parte absurda de um homem de dois poderes que acaba afinal as mãos de uma "revolta do lixo" e de quem nele mexe e remexe a procura de uma culpa que já contaminou tudo e todos em redor.

Como acaba por suceder em todos os livros de contos, também neste se torna patentes e mesmo inevitáveis as pequenas desigualdades de tom e de modo narrativo, e do mesmo modo nele se colocam os tão falados problemas da coerência estilística e da unidade interna da obra. Mas mesmo no predomínio desta linguagem oralizada existe um "estilo" e uma multiplicação de vozes, a do autor e as dos seus narradores, e por imanência também a do escritor Carlos-Edmilson Vieira, que neste livro ergue a figura da palavra

contra o silêncio de um país literário ainda por existir. O facto é que estes contos acabam por ser a propedêutica narrativa de uma Literatura a haver, a qual devem desde já chamar-se os nomes dos seus raros poetas conhecidos (nomeadamente, os da guerra de libertação nacional, congregados na antologia "Mantêhas para quem luta" e nas recolhas poéticas de Mário de Andrade) - mas mais ainda tudo o que se desconhece de outros ficcionistas guineenses que de certo apenas esperam a sua vez de falar, digo, de publicar.

João de Melo
(Lisboa - 1999)

Yér-Yér... Yér certo, era um velho viúvo que vivia numa tabanca longe das grandes cidades, tinha como família e riqueza: uma filha de quinze anos, um porco, uma vaca e uma cabra. Eis a família do velho Pagode pai da Tagara.

Durante a época das chuvas do ano passado morreu-lhe a mulher, vítima da malária, mas ninguém conseguia convencer o tio Pagode de que a mulher morreu de uma doença natural, a sua versão é a do irã e por isso insistiu em dizer que ela morreu por ão ter feito a cerimónia após a morte do seu pai.

De tanto desgosto, decidiu mudar de tabanca, disse à filha para preparar a bagagem, que na verdade, não era muita coisa.

Caminharam sete dias e sete noites, chegaram de manhã muito cedo a uma tabanca chamada N'Dulé. Foram conduzidos à casa do chefe da tabanca, sentaram-se, serviram-lhes um cabaz de leite fresco com mandioca. Depois de comer, o tio Pagode explicou o porquê da sua vinda com a sua filha a N'Dulé. O chefe da tabanca e os seus anciãos, ficaram sentidos com a triste história dos caminhantes, resolveram oferecer-lhes guarida por um tempo indeterminado.

Os dias, meses e meses, foram passando, pouco a pouco a pequena família foi-se integrando, construíram uma casota de adobe coberta de palha e acabaram por fazer parte da população de N'Dulé.

A Tagara era muito bonita, esbelta com uma boca bem desenhada de lábios carnudos, um nariz grande a condizer com os lábios e uns olhos bem pretos, sempre a brilhar. Tinha umas tranças fininhas com missangas de vários coloridos, as suas pernas bem torneadas davam-lhe um ar de nobre em cima de um cavalo branco.

Todos os mancebos de N'Dulé tinham olho nela, mas ela, ciente da sua beleza, falava, brincava com todos, mas sem dar muita confiança. Passava a maior parte do seu tempo livre com o porco, a vaca e a cabra. No fundo eram os seus melhores amigos.

Um belo dia, quando o sol já estava a cair, um jovem robusto, com aparência de boa saúde, decidiu ir falar com o tio Pagode.

- Boa tarde, tio.

- Boa tarde, senta-te, o que é que te traz por aqui ?

- Tio, como vai a casa ?

- Tudo bem, obrigado.

- A Tagara vai bem ?

- Graças a Deus, se não tivesse essa filha, não sei o que seria de mim neste Mundo.

- Tio, sabe... vim cá... como sabe, sou o melhor caçador de N'Dulé, ninguém me pode igualar nessa matéria, pois como estava a dizer, já há muito tempo que estava querendo vir falar consigo, mas infelizmente tenho estado muito ocupado... E também era preciso um pouco de coragem para tal, não é, mas também como já não aguento mais, decidi mesmo vir falar com o homem grande, pois o mais velho sabe, um homem só morre uma vez!..

- Vim cá, porque quero casar com a sua filha Tagara, e tenho aqui uma gazela para começar, e mais, prometo trazer todos os dias, à mesma hora, uma peça da minha caça para você.

O tio Pagode reflectiu alguns segundos, pôs uma mão na barba, coçou a cabeça, olhou de soslaio para a gazela bem gorda, um sorriso floriu nos seus lábios e respondeu, abanando a cabeça:

- Está bem, meu filho, deixa ficar a carne, depois vou mandar chamar-te para assentarmos o casamento.

Assim sucederam mais três outros candidatos: um pescador que prometeu peixe todos os dias, um agricultor que prometeu um balaio de arroz todos os dias e um pastor que prometeu um boi todos os meses.

Tiveram a mesma resposta do tio Pagode, que só pensava na sua riqueza que crescia dia após dia. O tempo foi passando e toda a tabanca de N'Dulé vivia na expectativa do dia do casamento da Tagara.

Quando chegou o grande dia, a Tagara acordou de madrugada, viu o velho sentado à varanda com o seu manto vermelho, no mesmo sítio onde o tinha deixado no dia anterior, com os cotovelos em cima dos joelhos e as mãos debaixo do queixo, o olhar fixo no horizonte onde um sol tímido emergia lentamente das nuvens.

Aflita perguntou ao pai o que é que tinha, se estava doente... O velho abanou a cabeça da esquerda para a direita e vice-versa.

- Mas fala, pai! O que é que se passa ?

- Minha filha querida, a tua beleza meteu-me numa afronta que não sei como vou sair dela

- Conta-me, pai, talvez possa ajudar.

- Não acredito, este assunto é muito bicudo.

- Está bem, mas sempre partilhámos os nossos problemas.

- Sabes, já estás na idade de te casares e prometi a tua mão a quatro homens, agora não sei qual deles deve ser teu marido, e o pior é que já gastei quase tudo o que me deram.

- Não te preocupes, vamos encontrar uma solução.

Tagara chamou o porco, a vaca e a cabra, foram para o matagal perto da tabanca e disse-lhes muito preocupada:

O meu pai tem um grande problema, ele fez isto, isto e isto. Explicou a situação aos três amigos que escutavam com muita atenção. Estes responderam:

- Não há problemas, nós sabemos como resolver este assunto.

No dia D, toda a população de N'Dulé se juntou em frente à casa do velho Pagode: os quatro pretendentes na linha da frente, familiares, amigos e muitos curiosos. Parecia a festa da colheita de arroz, a maior de todas as festas da tabanca.

Falavam todos ao mesmo tempo.

De repente apareceu o tio Pagode. Todos se calaram, e ainda maior foi o silêncio quando viram quatro meninas igualíssimas. Por outras palavras, quatro Tagaras que se alinharam atrás do tio Pagode.

Este levantou a cabeça cheio de orgulho, fez um breve discurso de conselhos e recomendações aos seus quatro genros, que partiram felizes cada um com uma mulher.

É por isso que hoje em dia, de todo o homem cuja mulher é desarrumada e mantém a casa sempre suja se diz: este casou-se com o PORCO;

Daquele cuja mulher está sempre a brigar: casou-se com a VACA e,

daquele cuja mulher é leviana casou-se com a CABRA.

Só um dos homens casou com a verdadeira Tagara.

A sorte nos reserva a mulher que merecemos.

CAÇADORES DE LAGARTIXAS

I

Espera aí, pá, já vamos. - Disse o João. - Despacha-te, sabes que já passa das cinco horas e trinta minutos e o Papá ontem avisou-nos que se chegasse à casa antes de nós, ia bater-nos. - Retorquiu o Zé.

- Está bem, está bem, tu és um medricas do carago. - Resmungou o João que limpando as mãos no traseiro do calção, que levava um remendo de outra cor no lugar do bolso.

O João e o Zé são irmãos do mesmo pai mas de mães diferentes. O João é mais velho, tem quinze anos, a mãe morreu ele ainda só tinha seis anos. A mãe do Zé, casada com o pai deles, tinha mais dois filhos e duas filhas mais velhos e mesmo assim aceitou o João em casa como se fosse mais um filho. A questão que se põe prende-se com a educação que o João traz de casa da falecida mãe que era solteira. Como se diz vulgarmente, em casa onde não há homem, o filho sai maricas ou malcriado. Este último adjectivo corresponde ao perfil do João, o que entrava em contradição com a família do senhor Caetano e da dona Josefa, casal respeitado e respeitador de todos no bairro. Católicos praticantes, iam todos os domingos à igreja, arrastando com eles todos os herdeiros.

- Boa tarde.

- Boa tarde, já chegaste ?

- Já, já parei um pouco em casa do meu compadre Pedro, já sabes como ele é, quando começa a falar de futebol, tem que se lhe desligar o cabo, se não o homem não se cala.

- Pois é, estás por aqui a dizer isso, também não gostas menos.

Quer dizer...

Fez uma pausa, tirou o chapéu, sentou-se e pediu um copo de água... - Uma coisa é gostar outra coisa é ser fanático. O meu compadre é doente do Benfica. Não é segredo para ninguém que quando o Benfica perde um jogo, lá em casa dele entra tudo e todos em estado de alerta; por um sim por um não bate nos filhos.

- Isso é verdade, uma vez até a pobre da mulher apanhou. Com vergonha, ela disse-nos no mercado que tinha batido com a cara na porta quando a luz se foi.

- A propósito, o João e o Zé já lancharam?

- Ainda bem que chegaste, nem fumo nem vento, está a escurecer e não tomaram banho.

- O quê?

- Tal como ouviste, já não sei como falar com essas crianças, o João está cada vez pior. Agora o Zé anda na sua escola e os dois vão acabar por dar comigo em louca.

- Eu não gosto de bater porque depois perco a cabeça e acabo por magoá-los, mas hoje vão ter o que há muito andam a pedir, não é possível continuarem assim!

O João e o Zé vinham descontraídos pelo caminho com o resto da miudagem do bairro. Tinham ido às mangas, escutavam o Tó contar como é que conseguiu dar a volta ao tio Camala.

Tio Camala é um velho, tem um grande quintal cheio de mangueiras, é cego e mal consegue andar. Nesta época das mangas, passa a maior parte do seu tempo sentado debaixo delas com um monte de pedras ao seu lado e o seu "LAMPARAM". Basta uma pessoa estranha entrar no quintal sem autorização ele começa logo a bombardear com o lamparam. O pior é que o tio é

muito certo, aquilo é pedras atrás de pedras, para a rapaziada, isso sempre foi um mistério. Indagavam sempre: como é que ele consegue nos ver?

- Deve ser feiticeiro, dizia um.

- Não é nada, disse o Tô, o que ele tem é um sentido auditivo muito desenvolvido, pois como perdeu a visão, desenvolveu a sua audição, ao ponto de ultrapassar o normal nos seres humanos. O Tô é o maior maroto de toda a banda, convenceu o velho que podia trepar às mangueiras para apanhar as mangas maduras antes de serem comidas pelos morcegos. No fim, o tio tirava quatro ou três para lhe pagar o serviço. O velho concordou com a proposta, à priori, honesta.

Mas o Tô, malandro como sempre, quando ia honrar o trato com o tio Camala levava com ele o Romel. Este devia ficar fora do radar auditivo do tio, do outro lado do quintal e, sobretudo, não se mexer muito de modo a que o velho ceguinho não lhe farejasse a presença.

O Tô subia às mangueiras, uma a uma, cada vez que apanhava três, deixava cair duas ao pé do tio e lançava uma para fora do quintal, onde o Romel, que é o melhor guarda-redes da equipa, tinha que fazer acrobacias para apanhá-la em pleno voo os ouvidos apuradíssimos do tio Camala nada apuravam. Finda a operação apanha mangas, o tio Camala graciava o Tô com algumas mangas numa operação de divisão pouco proporcional, mas o Tô pouco ligava porque depois ia ter com o Romel para dividirem equitativamente o fruto da sua operação.

- Ei, e se fôssemos caçar lagartixas - lançou o João.

- Genial, vamos ao campo de rádio aí é que tem uns bem grandes “cabeças amarelas” aprontou-se o Tô a atizar a ideia. Todos seguiram com grande

entusiasmo, começaram a apanhar pedras pelo caminho, chegaram ao terreno de caça e viram muitas lagartixas debaixo do embondeiro. Os que lhes interessavam eram machos, os famosos cabeça amarela cor do sol. Esses estavam sempre a abanar a cabeça de cima para baixo e de baixo para cima. Diz-se que com esse gesto insultavam os passantes e por isso é que são sempre alvos de perseguição dos rapazes caçadores de lagartixas.

- Vamos a eles - gritou o João.

- Vamos - responderam todos em forma de grito de guerra.

Começaram a metralhar as lagartixas. As pedras voavam em todos os sentidos, de uma forma sincrónica. O ataque durou mais ou menos dois ou três minutos. Ao mesmo tempo que lançavam as pedras, os bravos caçadores corriam e gritavam em direcção ao embondeiro. Os répteis que conseguiam escapar trepavam o embondeiro e iam procurar refúgio nos pontos mais altos da árvore para ficarem fora do alcance dos braços dos caçadores.

- Apanhei um.

- Não fui eu, acertei-lhe mesmo em cheio

- Espera, espera - disse o Zé, temos cá uma cabeça amarela, ainda mexe o rabo, está vivo... está vivo... - desatou a gritar.

- **Calma, calma, vamos fazer uma operação - disse o João.**

- Boa ideia - confirmou o Teófolo, - vou preparar o bisturi.

O bisturi é um caco de garrafa partida naquele momento.

- Esperem por mim, vou buscar uma agulha em casa da minha tia, ela

mora aqui perto - disse o Tô.

- Não é preciso, tenho tudo no meu estojo de médico. Ao dizer isso, o João meteu a mão no bolso. Com muito jeito tirou uma caixa de fósforos, abriu-a, dela tirou uma agulha já com um fio e pousou cuidadosamente a caixinha no chão. Os outros seguraram a lagartixa pelas quatro patas, deitaram-na de costas, ficando a barriga bem esticadinha, virada para o céu.

O Tô entregou o caco ao João. Este agachou-se por sua vez e fez-se um silêncio ritual. Começou cuidadosamente a abrir o bichinho de cima para baixo, deixando aparecer os seus órgãos ao ar livre. O João levantou a cabeça e disse aos outros:

- Olhem como bate o coração.

Teófolo completou: - deve estar com medo.

O Zé acrescentou: - não, deve é ter frio. João, chega-me a agulha. Agora é comigo. Pegou a agulha e coseu a barriga da lagartixa, sem estremecer, sob o olhar admirado dos colegas.

- Bom, agora levem o doente para uma sombra.

Os outros executaram sem fazerem comentários.

- Ótimo, agora afastem-se. Os outros obedeceram em silêncio. Ele abriu a breguilha do seu calção, olhou para a esquerda, para a direita e para trás, tirou devagarinho o seu pipi e começou a mijar em cima da cabeça da lagartixa...

Esta mexeu primeiro o rabo. O Zé continuou a sua proeza, impávido e sereno.

De repente a lagartixa mexeu a cabeça duas vezes. O Zé parou imediatamente e disse aos outros que ela estava fora de perigo.

- Podemos ir embora - concluiu.

II

Tomaram todos o caminho de regresso à base, as suas casas. No meio do caminho o João exclamou :

- Ena pá! Zé, hoje o nosso velho vai matar-nos, já viste que horas são?
- Calma João, o importante é não entrarmos em pânico. Vamos encontrar uma explicação plausível sem deixar a mínima hipótese ao pai de discordar.
- Agora, qual é a desculpa hem ? Qual é ?
- Já te disse para teres calma, senão, não consigo reflectir.

Os outros ouviam com muita atenção mas sem comentários, porque no fundo estavam todos no mesmo saco. Esperavam que o Zé pusesse a sua fértil imaginação em acção.

Caminhavam todos cabisbaixos, de boca calada como se acompanhassem uma procissão religiosa. Conforme se iam aproximando das suas casas, maior era a pressão de olhares e entreolhares de cumplicidade. O único que andava sem olhar para ninguém, dando a impressão de ser guiado pelas nuvens, era o Zé.

De repente parou. Os outros pararam instintivamente, numa reacção em cadeia.

O Zé pôs a mão esquerda firme na cintura, levou devagarinho a mão direita à boca e começou a falar pausadamente:

- Escutem com muita atenção porque não vou repetir, vamos chegar com ar triste e preocupado, e nada de galhofas, quando nos perguntarem o porquê deste inabitual atraso. Vamos dizer que estivemos a estudar depois das aulas, porque amanhã temos uma prova decisiva que vai determinar em função das notas obtidas, a escolha dos alunos que vão para o exame do fim do ano lectivo.

Como na escola não há corte de energia eléctrica, pedimos ao senhor Armando (continuo da escola) para nos deixar ficar debaixo do candeeiro da entrada principal da escola. Instalámo-nos nos degraus da escada, e passados alguns minutos apareceu o Manel (o terror da escola): é o mais velho da turma, tem dezoito anos. Alguns dizem que ele já conheceu mulher e tudo. Eu e ele nunca nos demos bem, sei que não pode comigo e eu não o posso sentir nem com molho de sigá em cima.

O Zé tem doze anos mas faz-se passar por mais velho que a sua idade por não se deixar pisar os calos. Nesse dia, durante o intervalo das 16h00 às 16h30, o Manel quis tirar à força o lanche ao Zé. Esse defendeu-se, fugindo, e foi contar o ocorrido ao senhor Armando que, por sua vez, como homem de bom zelo no exercício das suas funções de contínuo, foi ao pátio do recreio buscar o Manel.

Levou-o para a sala de castigos, obrigou-o a pôr-se de joelhos em cima de um monte de cascalhos, onde ficou durante toda a meia hora do intervalo, privado de usufruir desse tempo livre, e sob a vigilância permanente do senhor Armando que, sentado à porta da sala, tinha um olho no Manel e outro nos miúdos que corriam e saltavam no pátio da escola em todas as direcções, sem que ninguém se atrevesse a olhar para o castigado.

O Zé continuou a expor a sua brilhante ideia, ilustrando com gestos os dizeres que espelhavam a forma como deveriam convencer os pais. Seria assim:

Que, o Manel apareceu, mal o viu quis-lhe bater para se vingar do castigo que apanhou por causa da queixinha. O Manel parou, olhou bem para ele, Zé, e desatou-se a rir. O Manel então disse:

- Há, há, háa... apanhei o malandro, dou graças a Deus.

- Calma aí, compadre, deixa o puto em paz, pá, - tinha avisado o João.
- Olha quem fala, queres defender o maninho, é?
- É pá, se tocares um dedo sequer nele, vais ter sérios problemas comigo.
- Isso mesmo, faz muito tempo que eu queria ter uma conversa de homem para homem contigo. Tu não és homem não és nada se não lutares comigo.
- Ok, mas aqui não, o senhor Armando não deve estar muito longe e eu não quero ter problemas na escola por tua causa, se és "*macho*" vem comigo até à "*fonte de bas*"
- E vamos dizer... - continuou o Zé em plena exclamação... - que fomos todos juntos para a "*fonte de bas*". Quando chegámos, fizemos uma roda a volta do João e do Manel. E que eles fitavam-se como dois galos que tinham sido lançados ao centro de um cerco para combaterem, como se faz na América Latina. Mediam as forças com o olhar, cada um tentava intimidar o adversário com o olhar de grande gladiador.
- Toca-me no peito, se tu és homem - começava o Manel
- Não, toca-me tu... foste tu que me desafiaste - respondia o João.
- Estás a falar muito, pareces uma mulher que não tem homem, João.
- Já olhaste bem para a tua cara de lata? Acho que não tens espelho em casa, o que tu tens é uma língua muito comprida, mais nada - contra-atacava o João.
- Dás-me vontade de rir - voltava o Manel à ofensiva - tens o peito cheio que nem o peru mas lá dentro só tens vento.
- Acho que estamos a perder tempo - atiçava o Zé.
- E tu cala-te, ninguém te pediu a tua opinião, - resmungava o Manel a fumar de raiva. A pensar que tinha ficado privado do recreio por causa desse fedelho atrevido e que agora ia ter que medir forças com o irmão numa luta que, de certeza, no dia seguinte, toda a escola iria ficar a saber quem

levou a melhor. Isso criaria um precedente e poderia pôr a sua honra em causa, eis o porquê da questão.

- Vou-vos tratar da saúde, primeiro vou-te comer cru, falava apontando o dedo para o João e depois esse frango do teu irmão vai-me servir de sobre-mesa.

- Na boca isso é fácil de se dizer, anda cá, que vou-te mostrar com que lenha é que me aqueço.

Puseram-se em posição de boxe, começaram a andar à roda, ora para a esquerda, ora para a direita, imitando os boxistas no ringue. A assistência começaria a gritar: parte-lhe a cara João, isso mesmo, uée... vamos lá..

- Ei, ei o que é isso ?

Foi quando o Teófilo deu a alerta - Vem aí o senhor Armando. Apanharam as pastas precipitadamente e desataram a correr em direcção da casa.

O Zé calou-se um minuto e de seguida perguntou: - perceberam bem? ... Temos todos que contar a mesma história, nada de falhanço.

Os outros disseram que sim, salvo o João que interrogou:

- Mas assim o pai vai-me bater, ele proibiu-nos de lutar na rua.

- Não chegaste a lutar - contrariou o Romel.

- É verdade, depois seria para me defender - rematou o Zé.

- Sim, mas vai sobrar para mim, quem corre o maior risco nesta história sou eu.

- Temos que sair dessa, João, a não ser que tenhas uma proposta melhor, nesse caso somos todos ouvidos.

- Bom, bom, bom, desta vez, vou eu para a boca do lobo, feito bode expiatório -disse o João com uma pitada de ironia nos lábios.

Riram-se todos, separaram-se cada um em direcção de sua respectiva casa, os dois irmãos entreolharam-se e apertaram as mãos em silêncio.

Os dois irmãos chegaram a casa apreensivos face à reacção do pai, esse já estava quase a entrar em pânico. Passeava de uma ponta à outra da varanda com as mãos atrás das costas. De vez em quando metia a mão no bolso enquanto agitava o cachimbo com a outra. Quanto à mãe, estava sentada ao lado da porta principal da casa a remendar algumas peças de roupa da família, silenciosa mas atenta a todos os gestos do marido. Podia-se ler no seu rosto uma expressão de piedade e de medo ao mesmo tempo, formavam um quadro digno de ser perpetuado por um pintor do século XVIII.

- Estão aí, Josefa! São eles.

- Louvado seja o Senhor.

- Boa noite pai, boa noite mãe.

- Boa noite coisíssima nenhuma, o que eu tenho para vocês é que vai ser uma boa noite, onde é que andaram? Sabem que horas são? Não têm pena da vossa mãe ? Uma pessoa fica preocupada a pensar no pior, sem saber o que há-de fazer e vocês chegam aqui com essa cara de santo que não engana ninguém ;

- Calma Caetano, se não os deixas falar, como é que vamos saber o que aconteceu.

- Calma ? Ainda me pedes calma ?... Pois é! Tu, Josefa, é que andas a estragar estes marotos com os teus mimos.

- Pai, vamos contar tudo...

- Cala-te Zé, tu João és o mais velho, chega aqui à minha beira.

- Paizinho, nós não queríamos chegar tarde, mas...

- Não queriam! Mas chegaram.

- Sim, papá, como estava a dizer foi contra a minha vontade...

- Desembucha de uma vez, estás por aí a tremer, isto cheira-me a mentira.

- Caetano, veio a mãe em defesa dos filhos, se não te acalmares vamos passar a noite nestes berros.

- Tu, mulher, não te metas, este assunto tem que ficar bem esclarecido hoje.

O Zé e o João trocaram o olhar cheios de medo, pois a coisa estava a ficar feia, tinham que mudar rapidamente de estratégia. O melhor seria implorar mea culpa, mea culpa. O João descriptou a mensagem do Zé, começou a falar rapidamente pedindo desculpas a cada pausa : repetiu toda a história inventada pelo Zé, da forma como interveio para defender o irmão mas sem se esquecer de pôr em relevo o facto de não ter chegado a lutar.

O pai ouviu com atenção, quando o João acabou o recital, olhou para o Zé e perguntou:

- É verdade, Zé ?

- Sim, papá, posso jurar pela minha saúde.

- Chega p'ra lá essa boca, mas quem é o pai desse tal Manel, vou falar com ele se não sabe educar os filhos, tenho duas falas para lhe dar.

CONTO VIVIDO

Era uma tarde daquelas bem quentes, sem vento, o ar pesado, que de vez em quando paira no céu luandense em que o calú fica sem vontade de fazer coisa alguma, a não ser andar por aí a passarinhar pela cidade ou ir se estender na areia morena da praia, dar alguns mergulhos na água, alguns mergulhos visuais nos soutiens das donzelas que são sempre vistosamente inferiores ao que lhes vai no interior. E se elas estão de costas, mergulha-se a vista em duas abóboras de carne bem esculpidas onde se vê um fio lá em cima, na altura da cintura, que vai rodear a cintura feito um risco.

E como bom calú de adopção, resolvo ir fazer uma visita a um amigo que tem o escritório no cimo de uma montanha.

Depois dos *SALAMALEQUES* todos, já, vai tudo fixe, o meu amigo perguntou-me qual era a maka. Eu respondi que não tem mambo nenhum, só passei mesmo para te dar um candando; a partir daí desembarcámos numa conversa desenfreada sobre as damas da nossa praça.

Aquele meu amigo então, ele é casado e bem respeitado no seio da família e das *femmes* também. Então só pode comer fora de casa assim de *caché-che*, de vez em quando. Assim sendo, ontem ele tinha *cangado* uma mulata daquelas... passearam pela cidade, com boa música no carro, o ar condicionado a estalar, tudo já para impressionar a mana.

Depois de tantas voltas, que também não são as quinhentas, vai à marginal, uma volta à ilha, como o galo dá a volta à galinha quando a quer galar, e depois resolve-se o problema. Mas o problema do meu amigo é que

isso foi durante o dia, pois ele, como bom pai de família, saía pouco à noite, e durante o dia dava as suas fugidas. Nesse dia, ele não tinha onde levar a dama, e acabou por deixá-la em casa dela ; e nós kwá-kwá-kwá...

De repente toda a gente se calou como se estivéssemos num cemitério, não, numa igreja, prefiro a igreja porque ali as pessoas ao menos estão todas vivas, apesar do silêncio de túmulo.

Ela entrou sem bater à porta, eu estava sentado de costas viradas para a porta, senti-me penetrado por um cheiro de pele fresca que nem a água do riacho de pedras. Arrepiado e teso me senti, rodei por cima de mim mesmo para ver que coisa estranha penetrava as minhas entranhas.

Ouvi uma voz quente, vi-me frente a frente com ela... esbelta, bonita, bem talhada e elegantemente vestida. Olhei para a sua face, deparei-me com os seus lábios grossos, carnudos que nem a polpa de uma fruta madura, tal como os lábios de uma virgem sem pelos.

Quis amá-la, mamá-la ali mesmo, mexer e senti-la remexer o corpo colado ao meu corpo, ali mesmo no gabinete do meu amigo, onde tinha outra gente. Quis sugar-lhe o umbigo para a ouvir dar um gemido. O ar condicionado estava ligado mas eu continuei a sentir o calor a subir-me pela espinha dorsal, feito uma cobra que desliza tronco acima de uma palmeira, roçando e coçando a sua carapaça em torno do tronco firme e duro.

O meu sangue, sim, o meu sangue, sentia-o circular pelas veias, o meu peito pareceu-me uma panela de pressão que nem os meus dois orifícios nasais conseguiam descomprimir.

Já não aguentava mais, estendi as mãos, sim as duas mãos, para apalpar as duas peras de bicos pretos que transluziam debaixo da blusa de cetim transparente que cobria aquele busto imponente!...

E aí, aí... caí da cama!... acordei... afinal estava a sonhar!

O HOMEM DA FLAUTA

O sino da igreja tocou seis vezes, rasgando assim o silêncio da madrugada de cacimbo do mês de Dezembro. Eram seis horas da manhã, as nuvens iam passando, formando imagens ilusionistas no tecto do silêncio que cobria a cidade.

As flores e as plantas verdes estavam todas vestidas de um manto húmido feito de pequenas bolhas de água, mansamente deitadas sobre as folhas, assim como por cima de todo o tapete verde feito de relvas estendido no jardim da igreja.

Antes não se ouvia nenhum barulho nem nada se mexia. A cidade parecia a imagem de um filme projectado num écran natural que foi abrupta e voluntariamente parado no meio da sessão.

Depois das seis badaladas, um homem de meia idade, que dormia pesadamente no banco da paragem do autocarro em frente a igreja, abriu automaticamente um olho, em seguida o outro, olhou para o céu, levou a mão à boca e bocejou. Passados dois minutos esfregou os olhos com as duas mãos, voltou a olhar para o céu como se procurasse alguém ou alguma coisa, mas em resposta à sua inquirição só tinha a balada das nuvens silenciosas e sem pressa; aliás, à semelhança dele mesmo, que também não tinha pressa, pois vive na rua e não se lembra de ter família ou não. Apalpou o bolso traseiro das calças e constatou com muita satisfação que a sua flauta estava lá, este objecto é a sua companheira inseparável que o acompanhava dia e noite. Ao confirmar a presença amiga, esboçou um sorriso, levantou-se estava pronto para começar um novo dia. Paralelamente, a cidade foi ganhando vida

pouco a pouco, ouvindo-se um barulho aqui, vendo-se uma ou mais pessoas acolá...

Tirou a flauta da algibeira e começou a tocar uma melodia suave que subia ao céu pelos degraus de uma escada que só ele podia ver. Ouviu-se o barulho de um autocarro que se aproximava da paragem, com sete ou doze passageiros, mas, por os vidros irem embaciados, não se conseguia ver quantas pessoas lá iam.

O motorista estacionou na paragem da igreja, apesar de não haver nenhum utente que saísse ou entrasse, abriu a porta e buzinou duas vezes, como fazia todos os dias.

O homem parou de tocar e cumprimentou: - Bom dia, senhor João
- Bom dia, tudo bem contigo ?

Sem abrir a boca fez que sim com a cabeça.

O motorista disse-lhe adeus com a mão, fechou a porta, abanou a cabeça e pôs o móvel em andamento, soltando baixinho : - pobre diabo!

O homem levantou-se do banco da paragem, sacudiu a roupa amarfanhada que trazia vestida Deus sabe desde quando, carregou a sua mochila às costas, dirigiu-se ao jardim da igreja, onde o jardineiro, que tinha acabado de chegar, estava a desenrolar a mangueira para começar a regar.

- Bom dia Pedro. - disse o homem.
- Bom dia. - respondeu o jardineiro acrescentando : - dormiste bem ?
- Sob a graça do Senhor - respondeu o homem.

Em seguida agachou-se, lavou a cara, lavou a boca, passou as duas mãos molhadas pelos cabelos, três vezes, sacudiu a cabeça pôs-se de pé carregou a sua mochila e disse tchau ao Pedro que lhe respondeu sem olhar para ele.

Caminhou lentamente até à avenida principal, virou à esquerda, duas ruas mais abaixo, tornou a virar à esquerda, andou mais uns trezentos metros e virou à direita, sempre com o seu passo descontraído de quem não tinha ninguém à espera. Caminhou mais uns cem metros, entrou numa tasca mal iluminada pela luz matinal, que entrava pelas janelas do estabelecimento.

- Bom dia Senhor Mário, bom dia Dona Maria!

O Senhor Mário, proprietário da tasca, já conhecedor da voz, não se deu ao trabalho de olhar, limitando-se a resmungar com uma voz indiferente: Se queres comer, começa por varrer a sala, arrumar as mesas e depois dirige-te ao quintal que a Maria dar-te-á o pequeno almoço.

O homem pousou a mochila num canto da sala, foi buscar a vassoura e prontificou-se a executar as tarefas sem fazer nenhum comentário. Mal acabou, foi ter com a Dona Maria que lhe deu de comer em silêncio, disse obrigado e saiu.

Em frente à tasca existe uma escola primária; já eram 7h45m, e os alunos da primeira hora tinham começado a chegar um a um. O homem atravessou a rua, parou em frente ao portão da escola, as crianças que já o conheciam abeiraram-se todas dele, a pedir que tocasse a flauta.

Às oito horas em ponto, uma professora veio ao portão, bateu as palmas três vezes e chamou :

- Meninos, são oito horas, vamos entrar... são horas...

O homem levantou-se, pôs-se a caminho, sob gritos e acenos das crianças que lhe pediam para não “faltar amanhã.” Sem olhar para trás foi tocando a sua flauta pela estrada fora, gesto que fazia parte da sua rotina quotidiana. Todos os santos dias fazia o mesmo percurso, parava nas mesmas capelinhas, sempre amável e servil caracterizado pela sua mudez.

Chegou ao fim da rua que dava ao porto comercial, parou de tocar, tirou do bolso um pedaço de pano que já fora branco, mas que agora parecia castanho. Embrulhou cuidadosamente a flauta e guardou-a no bolso das calças.

Em seguida foi sentar-se ao pé de um velho de cabelos e barbas brancos, que estava a pescar com uma vara de fabrico artesanal; Ao certo trata-se de um pau seco, de mais ou menos um metro e vinte, onde atou um fio de nylon, de aproximadamente três metros, numa das extremidades e, na ponta do fio, dois anzóis comprados no mercado. Ao lado do velho pescador estava deitado um cão zarolho, companheiro fiel e inseparável do nosso pescador de nome Victor. Junto aos seus pés, tinha uma caneca de leite condensado vazia, contendo minhocas que serviam de isco ao velho. Maravilhava-se vê-los neste espaço, como se fossem figurantes de um quadro de natureza morta.

O homem da flauta aproximou-se, e perguntou: - Está a morder ?

- Nada... Ontem sim, apanhei peixe que deu para comer e vender uma parte, mas hoje a coisa está preta.

- Não te preocupes, mais tarde a maré vai mudar e vais certamente apanhar mais peixe.

- Gostaria de acreditar.
- Vais ver, velho Victor, até ao meio dia se apanhas ou não peixe; eu é que te digo, podes crer!

O velho Victor riu-se e acrescentou : - vê-se que de pescas não entendes nada, quanto mais cedo formos pescar melhor é, de manhã cedo quando está tudo calmo, porque ao meio dia com o barulho do porto os peixes fogem para o largo.

- Vou falar com as ondas para te trazerem peixe.O Victor soltou uma gargalhada e disse : - tu és mesmo um doido varrido.

O homem da flauta calou-se com um olhar fixo, mergulhado além no horizonte.

Quem sabe o que se passava na sua cabeça ?...

Ao meio dia, ergueu-se, tirou do bolso a flauta, o velho Victor ouviu o som da música afastar-se em direcção ao porto de canoas. Trata-se de um pequeno embarcadouro reservado às pequenas embarcações, na sua maioria canoas de motor fora do bordo.

Esse local também era famoso pela sua feira, mercado onde se vende e se troca peixe com outros géneros alimentícios de primeira necessidade, mas o ponto culminante desse porto são as suas barracas-restaurantes onde os pescadores comiam, bebiam assim como muita gente que lá ia exclusivamente para saborear os pratos confeccionados pelas mulheres da terra que cozinhavam nas barracas. Todos os pratos eram confeccionados nos fogareiros ou lareira feita de lenhas.

O homem da flauta dirigiu-se directamente à barraca da tia Amélia, uma mulher gorda, baixinha que se veste sempre de preto. Ela olhou para o homem e disse : ainda bem que chegaste, vai-me lavar os pratos, por favor, que estou muito atrasada. Hoje dormi com uma dor de cabeça horrível, tive que ir ao hospital esta manhã, cheguei mesmo há bocado, depois dou-te o almoço.

Sem comentários, o homem meteu as mãos à obra, lavando os pratos um a um como um autómato. Essa tarefa parecia nunca mais acabar, conforme as pessoas foram chegando, comiam, passavam-lhe o prato, ele lavava e entregava à tia Amélia, sem falar com ninguém.

Quando terminou, comeu e bebeu uma grande caneca de água fresca, despediu-se e mais uma vez saiu carregando a sua sorte pela rua fora rumo a um destino indefinido com o seu ar ausente, melancólico, entregue à sua sorte tocando músicas nunca antes conhecidas por ninguém.

Pelo caminho teve o azar de se cruzar com um grupo de fuzileiros navais do exército colonial português que saíam da Marinha de Guerra para dar um passeio pela cidade. Esses tinham a fama de serem muito malcriados, confusionalistas. Sempre que saíam dos seus aquartelamentos, tinham que aprontar alguma antes de regressarem à base.

Na cidade, toda a gente tinha medo deles, incluindo a própria polícia naval. Esse corpo do exército era composto essencialmente por delinquentes, vagabundos, criminosos de guerra, que o governo português mandava de castigo para a Guiné.

Quando viram o homem da flauta, um deles meteu-se com ele :

- Hé pá !... oh tu que fumas, empresta-me a tua flauta, pá !

O homem da flauta, que não era fumador, continuou o seu caminho sem responder, com um aperto no estômago.

- És surdo ou quê, pá!... - berrou o fuzileiro?

- Anda cá, oh bandido. - meteu-se um outro fuzileiro

- Pareces ser surdo, vamos ter que te limpar os tímpanos. - Agitou mais um fuzileiro

- Vamos dar uma lição a esse cão. - atçou o cabo, que era o oficial do grupo, com uma voz de comando.

Ao ver os fuzileiros aproximarem-se em passos de corrida, o homem da flauta desatou a correr como se tivesse o diabo atrás. Os fuzileiros corriam atrás dele fazendo uma algazarra tal que todos os transeuntes paravam para contemplar a triste cena. Os fuzileiros gritavam, insultavam ameaçando o homem que corria desesperadamente. Ao atravessar a rua, foi de encontro a um carro que vinha em sentido contrário, caíu pesadamente no asfalto e perdeu os sentidos.

Os fuzileiros pararam, o cabo gritou: - vamos embora. Viraram à esquina e desapareceram na confusão da cidade deixando abandonado o atropelado

estendido na estrada, banhado de sangue.

O homem da flauta foi conduzido ao serviço de urgência do hospital central de Bissau, perdia muito sangue. O médico de plantão segurou a sua mão direita para lhe medir a pulsação, e perguntou-lhe :

- Como É que o senhor se chama ?

Num esforço sobrehumano, abriu os olhos fixou o médico e balbuciou: - É a primeira vez que alguém me pergunta o meu nome...

Com essas palavras, o homem da flauta fechou os olhos para sempre, a cabeça caíu para o lado esquerdo.

O homem da flauta, vulgo Kihin Guingui-boca, era de Xime, pequena povoação no sul da Guiné, casado com duas mulheres e pai de seis filhos. Um dia foi preso e trazido pela Pide para Bissau. Quando o soltaram, anos mais tarde, tinha perdido a memória de família e já não podia conhecer ninguém na cidade.

ÁRVORE SECA

Confesso que não sei se foi um espanto ou um sinal de alerta no dia em que descobri que os seus cabelos embranqueciam, pois a árvore vigorosa e frondosa não tinha mais brotos nem flores novas.

Cogitando fui indagando o porquê de essa árvore maravilhosa que sempre contemplei durante toda a minha existência, cheia de flores bonitas e misteriosas, perfumadas e resplandescentes, ter parado assim de repente o seu contínuo prodígio?... Por mais que indagasse não conseguia desvendar o mistério e, preocupadíssimo, acompanhava a extinção dessa árvore que cada vez que aparecia um broto novo, uma força oculta o sugava, com uma infatigável crueldade.

E assim foram desaparecendo os brotos tenros, as flores mágicas, folha após folha, pétala após pétala, ao longo do caminho que parecia uma marcha fúnebre colectiva no tempo sem espaço, o meu consolo foi me ter dado conta que éramos muitos, os que ainda acompanhavam a árvore rumo a um destino indefinido que não nos facilitava a tarefa de pleitear o nosso destino.

Alguns murmuravam o fim de uma era, outros sussurando a agonia de um ideal, os mais ousados ainda falavam do estrangulamento económico por falta de leaders, mas ninguém levantava a voz como se tivéssemos medo de quebrar o silêncio de mármore que pesava sobre nós!...

Dia após dia, continuei o ritual de observar e de me deixar absorver pela árvore que cada dia mais despojada ficava das suas folhas e flores que tão formosas foram, e pouco a pouco fomos predizendo que só restariam ramos secos e nus...

Por falar de nus, houve um tempo, nos tempos remotos que já lá vão, em que os nus de Cezane, Goya e Renoir escandalizaram toda a sociedade da sua época e hoje esses mesmos nus são adornos dos santuários da nossa sociedade, e os ditos nobres da nossa era se debatem para os possuir na sua coleção privada a preços que só a gorgeta dava para salvar muitas vidas que lutam para não padecerem de miséria.

Mas são coisas do nosso tempo onde vivemos com o espírito completamente nu de toda moral, sem folhas e sem flores, onde ninguém se incomoda com a sorte de ninguém, salvo quando temos interesses em jogo, um jogo que devia se chamar jugo, onde uns existem para marcar os pontos, outros para encaixar os golpes e no meio restam os que batem palmas contando os pontos marcados e encaixados por uns e outros, tudo isso se passa no cume da minha, nossa árvore seca. África.

SERENATA

Numa noite de sábado, não como as outras, o céu estava prenhe de estrelas que se esforçavam para iluminar o breu que cobre as ruas esburacadas da cidade meia adormecida.

Quanto a nós, aqui em baixo, já estávamos quase habituados a este silêncio nocturno imposto sobre os passantes e os automóveis que circulavam pelas estradas onde os candeeiros já há muito tempo não faziam diferença entre o cair da noite e o levantar do dia.

Dentro das casas o número das velas acesas fazia concorrência ao número das estrelas no céu, salvo numa ou outra casa do nosso bairro onde as lâmpadas amarelas difundiam uma tímida claridade compassada pelo concerto dos geradores dos moradores que não ousavam acender todas as luzes para poupar o gerador.

Em casa do Marcelo, como bom cristão, o jantar é servido ritualmente as vinte horas em ponto. Como já passava das vinte, o Marcelo e a sua mulher foram-se sentar à varanda arrastando com eles os três filhos que nem da pobre televisão podiam tirar proveito.

Deixaram uma vela acesa na sala de jantar que também fazia ofício de sala de estar.

E como vinha sendo hábito nestas noites de calor e de corte de energia eléctrica, lá vinha o vizinho Pedro, escoltado pela sua esposa, dois filhos e as três filhas. Ao subir as escadas com jeito e com os olhos fixos nos degraus escuros lançou:

- Mantenha-se nesta casa.
- Boa noite, compadre Pedro, está um calor de assar!
- Nem me fale Marcelo, sabes, tenho a impressão que quanto mais me falam do calor, mais calor tenho.
- Pois é, se calhar tens razão.
- Sabe, comadre! - exclamou a mulher do Marcelo - o meu marido ontem teimava que nem uma mula, que ia dormir aqui na varanda porque lá dentro estava um forno
- Credo, compadre Marcelo, nem pensar em dormir aqui fora... -
Respondeu a mulher do Pedro: - com todos esses malandros e caboclos que andam por aí!...
- Obrigada, comadre Quintinha - resmungou a mulher do Marcelo - eu já estou farta de lhe dizer que Bissau está cada vez mais perigoso, já ninguém sabe quem é o polícia e quem é o bandido; isto aqui anda muito confuso, muito confuso mesmo!

- Hé lá!... hé lá!... chega de conversa, mulheres. Armandinho vai buscar as cervejas e tu Miguel chega-me a viola, sim filho?

E aí, depois de uma, duas e três goladas de cerveja bem gelada saidinha da caixa térmica repleta de gelo e cervejas que tinham sido compradas no fim da tarde de sexta-feira na loja franca.

O Marcelo, homem de bom gosto e de boa convivência, pegou na sua viola, tirou algumas notas... afinou o som, deu mais um golo da cervejinha, fechou os olhos.

Todos se calaram, pois nesses momentos o Marcelo punha-se a narcisar-se recordando o seu tempo de mocidade, pois é; pouco ou nada faltava em casa dos funcionários públicos e jamais havia cortes de luz ou de água.

Nesses momentos ele sentia-se invadido de um sentimento de impotência, por culpa de quem? Ou porquê? Nem ele mesmo sabia.

Abriu os olhos, deixou aparecer um sorriso miúdo e lançou para o seu compadre Pedro:

- Como é compadre ? Vamos a isso?

- Vamos lá Marcelo, que a noite ainda é criança.

O Pedro tem uma bellíssima voz e o Marcelo tirava sons excepcionais da sua guitarra que custava a acreditar que ele nunca tinha andado na Escola de Música.

Como as suas serenatas já eram sobejamente conhecidas, os amigos iam chegando aos poucos. Primeiro, eram os vizinhos, depois era um colega que parava o seu carro em frente à casa, depois era mais um que via o carro do amigo e parava também, por vezes mesmo em cima do passeio.

A música era suave, trepidante a tal ponto que não deixava ninguém indiferente. Na volta, todos se punham a cantar e os mais inibidos a sussurar as bellíssimas melodias das velhas canções de Zé-Carlos. Bebia-se de tudo: cerveja, vinho, cana, n'sunsun, whisky, etc...

Mas o mais impressionante nesta serenata da varanda que ganhava proporções de convívio do quintal, são as longas pausas da música, em que toda a gente se punha a esvaziar o saco. Falava-se de tudo e de todos, principalmente da crise que vinha batendo à porta de todos nós, menos à dos novos graúdos cá do sítio que pareciam ter pressa de amontoar fortunas, fruto do suor alheio.

Quando o Marcelo começava a tocar, tirando melodias simples e graciosas, todos se calavam nos primeiros minutos, até se podia ouvir o barulho da escuridão, passageiro do vento noturno, que lutava com a chama da vela, resistente como nós, que teimávamos a manter um bago de calor humano nesta vida de cão.

E de repente, rompe-se o ventre desse silêncio gritante, e ouvia-se a voz magistral do Pedro que abraçava o ar numa harmonia *sui generis*, própria aos djidíssimos *djidius* das nossas tabancas.

O Pedro cantava com a sua alma, uma voz que vinha das entranhas da nossa Guiné, e narrava as mais lindas histórias de amores do pobre que só tem o amor para oferecer neste mundo de luta de poderes!..

De podridão!...

De dinheiro limpo e sujo!...

De ambição!...

De inveja e vingança!...

Onde felizmente, a canção ainda é rainha no coração das mulheres e dos homens de serenata.

RECALCAMENTOS

I

Aos doze dias do mês de Maio de 1981, bateram à minha porta. Olhei instintivamente para o relógio, indagando-me em silêncio, quem poderia ser aquela hora, sete horas da manhã.

Ouvi alguém chamar por mim ao mesmo tempo que tamborilava a porta com as unhas dos quatro dedos da mão, fui abrir sem pressa, mas logo de seguida a minha adrenalina subiu em flecha ao dar com a cara da Bampí com um bebé ao colo, arvorando um sorriso muito tímido. Afastei-me da porta sem pronunciar uma palavra, ela entrou, com a cara empinada fitando a criança que vinha dormindo um sono inocente.

Olhava para a mãe depois para a filha e, continuava de pé junto à porta que permaneceu aberta, como um espeque com medo de movimentar ou de falar para não desmoronar o véu de lágrimas que me cobria a retina.

Depois de alguns segundos de petrificação, acabei por fechar estupefacta a porta e, acompanhei-as para a divisão principal do meu estúdio, sito no terceiro andar de um prédio sem elevador. Pelo seu ofegar entendi que não foi fácil subir as escadas com o bebé ao colo, apontei-lhe uma cadeira, ela sentou-se, eu sentei-me na ponta da cama que ocupa um terço do pequeno apartamento deixando espaço apenas para um grande guarda-fato embutido na parede, uma mesa que me serve de secretária quando escrevo, de mesa de jantar quando como. Também tenho uma cadeira e uma estante feita de tábuas e tijolos, repleta de livros, um grande cadeirão de que a Bampí tinha acabado de tomar posse, confortavelmente com o bebé ao colo.

Acho que um anjo passou, senti-me a ser levado pelo meu pensamento para uma enorme floresta azul, com árvores de grande porte, cujas folhas tapavam quase todo o céu manso, onde as nuvens dançavam ao compasso do vento que trazia umas notas de um balafon que só eu conseguia ouvir naquele preciso momento.

A música enfeitiçava-me, vinha de muito longe como um chamamento para me guiar, deixei-me levar por esta música estranha, mas apaziguadora, para o interior da floresta, a cada passo, a música soava cada vez mais forte. De repente entrei numa clareira rodeada de palmeiras que, com as suas folhas despenteadas pelo tempo, pareciam amazonas com tranças e missangas das cores do arco-íris. No centro da clareira havia uma palhota debaixo de um enorme e velho poilão. Parecia que o imbondeiro fora plantado lá por um geómetro no centro da circunferência das palmeiras.

Parei um instante, perplexo e hesitante mas a música que saía da palhota soava cada vez mais alto! De repente pus-me a correr para o interior querendo banhar-me naquela música que jamais tinha ouvido na minha vida, entrei num cubículo de três metros quadrados de superfície e dois metros de altura, era exíguo, mas senti-me apaziguado lá dentro e por dentro de mim. Tudo estava mergulhado numa escuridão de breu, mas à medida que o tempo foi passando, fui-me habituando à escuridão, senti alguém tocar-me nas costas, virei-me de repente e tudo ficou claro tirando-me do meu átrio de quietude.

Voltei ao meu mundo, quero dizer à realidade, estava sentado na ponta da minha cama, com a Bampí ao meu lado e a criança que no entretanto tinha acordado com o peso do silêncio e estava a olhar para mim com um

brilho de festinha nos olhos que só as crianças possuem, ela parecia muito entretida a querer segurar os dedos dos dois pés com as suas duas mãozinhas de anjo. Nós, eu e a Bampí, maravilhávamo-nos vê-la deitada de costas mexendo os pés e as mãos no vazio.

A Bampí olhou para mim com ternura, e muito apreensiva, disse-me:

- Fiz-te uma filha muito bonita. Eu continuei a brincar com a bebé, metendo e tirando o meu anelar por entre as suas mãos pequeninas, e ela tentava segurar o meu dedo, agitando ao mesmo tempo as duas pernas no ar como uma rã dentro da água. Ela voltou a falar sem que eu olhasse para ela.

Preciso falar contigo mas não sei como, nem por onde começar.

Diz - respondi sem olhar para ela - não vês que a Yassine não tem medo do meu dedo?

Olha, és tu o pai da Yassine.

Incrédulo, contrariado e feliz ao mesmo tempo, fiquei sem saber o que responder, pois o que acabei de ouvir soou-me como uma sentença lógica e irrefragável a que estamos à espera faz muito tempo. Mas que no fundo não sabemos se queremos ouvir.

Neste momento pensei num dos poemas de Carlos-Edmilson:

SER

Serei
sol e sombra
no íntimo do viver
e do pensar do ser
sem saber
o que saber?...

Eram 7h30m da manhã, o prédio esvaziava-se lentamente, as pessoas iam para os seus afazeres sem a mínima ideia do que se poderia estar a passar no apartamento número seis do terceiro andar. Levantei-me para abrir a janela que dá para a avenida principal com vista perdida, olhei para as árvores mal cuidadas que ladeavam a estrada, que como uma serpente preta subia, para o Benfica, passando pelo estádio nacional e ia desaguar na Praça do Império.

Depois de uma boa baforada do ar matinal, carregado de cacimbo, voltei a sentar-me na ponta da cama ao lado da Bampí que tinha ido para junto da filha. Fitei-a bem nos olhos e, perguntei-lhe, pontuando lentamente cada palavra e pronunciando-as com um tom exaustivo nas sílabas:

Falaste mal ou eu é que ouvi mal?

O que ouviste é a pura verdade - sussurrou baixando os olhos - sabes eu gosto muito de ti, amo-te como nunca cheguei a amar alguém.

Também eu gosto muito de ti.

Se fosse só por mim, nunca te ia deixar.

- Não acredito nos meus ouvidos, tenho a impressão que estou a ouvir coisas a mais. Depois do que me fizeste? Ou será que já não te lembras? Vou-te ajudar, deste-me corrida da tua casa, dizendo que estavas grávida mas que o filho não era meu!..

- Por amor de Deus, acredita em mim, não me compliques a vida mais do que já está, sabes não foi fácil vir ter contigo, mas a prova do meu amor é que aqui estou eu, em tua casa, se não gostasse de ti, não teria vindo, depois de tudo o que se passou entre nós. Podes crer-me, não há sol que se levante, nem lua que se deite sem que eu pense em ti!..

- Nesse caso, porquê?.. Porque é que me disseste naquele dia que o filho que estavas à esperar não era meu?.. Não, não, e não por mais que tente não consigo compreender a tua reacção, dávamo-nos lindamente.

Parei um minuto para ganhar fôlego.

- A que se deve essa mudança tão brusca? Hoje afirmas que a Yassine é minha filha, que me amas como ninguém me ama, mas no entanto assumiste o teu compromisso com o outro a quem deste a miúda para registar. Por que carga de água é que fizeste isso?..

- Meu bem, no dia em que a minha mãe soube que eu estava à espera do bebé, insultou-me tanto, que eu nem estava a reconhecê-la, depois convocou uma reunião de família, com as minhas tias, meus tios, minhas primas e primos.

Nesse dia tive vontade de morrer, começaram por dizer que eu não tinha vergonha, como é que namorava com uma criança, que eu era muito mais velha do que tu e devia ter mais juízo e arranjar um homem mais sério que me poderia garantir um futuro melhor.

Abri a boca para falar, e antes de acabar a minha frase, o meu tio que estava sentado ao meu lado deu-me uma tremenda bofetada que até vi todas as estrelas do firmamento diante de mim. Uma prima mais velha disse que todas as minhas colegas de serviço tinham marido, e que eu fui arranjar um

fedelho atrevido que não conhecia o seu lugar, aliás ainda estavas no banco do liceu, que tudo isso era uma vergonha e motivo para ser alvo da chacota de toda a cidade.

Tinha tanta raiva de toda aquela gente, e também medo deles, mas mesmo assim o meu amor por ti era maior que o meu medo, então deixei escapar um murmúrio entre as lágrimas dizendo: que o mais importante para mim era o nosso amor.

Exclamaram todos em uníssono; tu não sabes o que queres. Ameaçaram-me tanto, que pensei que ia enlouquecer.

E aquilo durou semanas e semanas a fio, eram todas as sexta-feiras depois do culto. Até alguns dos meus colegas da igreja deixaram de falar comigo à semelhança das minhas primas e primos que já nem se sentavam ao meu lado na igreja.

Eu estava tão deprimida e sem amparo quando me proibiram de te ver. Lembras-te que eu morava em casa da minha mãe e que o meu irmão mais velho passou a vigiar todos os meus passos, não podia ir a lado nenhum sem ele, fora das horas do serviço. E o cúmulo é que eu tive medo de te dizer a verdade e, foi assim que comecei a confiar-me ao outro, porque trabalhávamos juntos e, quando me via chorar no emprego, vinha sempre consolar-me, até que comecei a desabafar com ele.

Vi lágrimas a rolares no rosto da Bampí, li desespero e mágoa nos seus olhos, como nunca vi na minha vida, entrei quase em pânico por minha vez. Quis consolá-la, mas havia um controverso enorme dentro de mim, pois, uma parte do meu ente sofria e estava profundamente magoado, e a outra parte amava-a e queria poupá-la.

Estava a fazer um esforço incomensurável para não chorar, ao ver as gotas de amargura que caíam dos olhos dela e, rolavam como os braços de um rio numa noite chuvosa. O seu rosto retratava uma mágoa sumamente impressionante para qualquer ser humano, era como se a expressão do seu rosto fosse o retrato de todos os pecados dos Homens aqui em baixo na terra.

Todo o peso do tecto do pequeno apartamento parecia prestes a desabar por cima da nossa cabeça, o ar estava prenhe de sofrimentos profundamente estancados no mais íntimo de cada um de nós, o único raio de sol que iluminava as nossas esperanças era o silêncio gritante do bebé, que parecia um anjo da guarda entre dois dragões que mal retinham o fogo que lhes roía por dentro.

Ela olhou para nós, sorriu abrindo a boca desdentada por onde corriam babos dos dois cantos da boca, pois ela continuava deitada de costas em cima da cama, entre nós os dois. Esse sorriso fez-me bem, inclinei-me, beijei levemente a sua testa, com medo de ali deixar marcas. De seguida apaguei a chucha que estava caída ao seu lado e, pus-lhe na boca.

II

Foi numa festa do fim do ano, na altura eu era ainda estudante do Liceu Kwame, filho de uma família católica praticante, íamos todos os domingos à missa das dez horas com o meu pai, a minha mãe, as minhas irmãs e os meus irmãos. No meu liceu tinha um grupo de amigos, todos filhos de boa gente, classe média na época colonial, por trabalharem na Administração Pública, como o meu pai, e que com a independência beneficiaram de uma promoção social implícita pela força das circunstâncias e a necessidade de garantir a continuidade do bom funcionamento da Administração Pública.

O nosso grupo de rapaziada era sobejamente conhecido na praça de Bissau, aliás, muitos filhos, irmãos, primos ou sobrinhos do novo elenco governamental do pós-independência, vieram integrar-se ao nosso grupo no liceu o que nos tornou mais cobiçados. Os familiares destes últimos passavam a vida a viajar não sei para onde, em missão de serviço, mas nunca ninguém viu o que é que eles levavam, ainda menos o que é que traziam.

Quanto a nós, os mancebos do Liceu Nacional, aguardávamos com muita ânsia o regresso dos nossos dirigentes, parentes dos nossos amigos, porque também apanhávamos boleia dessas viagens, pois às vezes lembravam-se de um ou de outro entre nós e traziam-nos um par de sapatos italianos ou portugueses, que eram uma relíquia em Bissau, uma camisa, ou então umas calças de ganga, que naquela altura era símbolo exterior de aparente bem-estar..

Nós éramos uns dez rapazes no nosso grupo, muito coesos, com ares de *dandys* da nossa geração. Às vezes chegávamos a formar um grupo de quin-

ze jovens ou mais, mas isso era quando se vinha juntar a nós um primo ou um vizinho de um dos membros do grupo.

Naquela época, havia uma concorrência entre vários grupos de rapazes e de meninas também, no tocante a organização de festas, era sempre um privilégio ser convidado a esta ou àquela festa, organizada por este ou aquele grupo. Pois a importância da festa dependia das pessoas que fossem convidadas e também da reputação do grupo organizador. E nós, o nosso grupo, fazia parte dos que faziam brilhar uma festa. Também eram oportunidades para cada um de nós exibir a última peça do trajo, ou o último par de sapatos importado, que o pai, o irmão, o tio ou o primo, membro do Governo, tinha trazido do exterior do país, aquando da última missão de serviço.

Graças a essas insignificâncias materiais é que conquistávamos as miúdas, e eu N'Djaka, tinha dois amigos mais chegados no seio do grupo: O N'Djimbo e o Ocanti, estavam sempre a criticar-me, porque tinha muitas namoradas, e de facto tinha muitas ao mesmo tempo. Ainda por cima algumas eram mais velhas do que eu, e isso também é verdade porque eu sempre tive um fraco por mulheres mais velhas.

O N'Djimbo e o Ocanti eram meus *côtas* pois andavam sempre a dar-me lições de moral, mas faziam isso tantas vezes, que já não ligava muito às suas observações, porque acabei por denotar uma leve fibra de ciúmes nos seus timbres quando tocavam no assunto dos meus namoros.

Como era hábito, chegámos os três juntos à festa, eu o N'Djimbo e o Ocanti. A festa era no Salão Nobre de um grupo desportivo, alugado pelo Ministério da Promoção Feminina, para enterrar o ano de 1977 e dar as boas vindas ao ano de 1978.

Entrámos na festa depois da meia noite, porque eu tinha a obrigatoriedade de ficar em casa até ao apito da sirene dos Bombeiros Voluntários de Bissau, a anunciar a partida do velho ano e a chegada de um Ano Novo que sempre se quer próspero e cheio de felicidades, altura em que toda a família se abraçava, se dava beijinhos. Em nossa casa, isso era sagrado para os meus pais, tínhamos que estar todos presentes à meia noite na passagem do ano, depois mandavam-nos tomar banho, para lavar todo o azar do ano que acabava, queria-se com este ritual secular, pelo que dizem, deixar escorrer ao longo do nosso corpo a água limpa para lavar as mágoas, a má sorte, os maus olhados e, tudo quanto de mal nos tinha acontecido no ano passado, e começar um ano novo limpo de corpo e de alma .

Quanto a esta última não posso fazer afirmações categóricas, mas quanto ao meu corpo, sei que ficava bem limpinho, porque era o dia de estrear os sapatos novos, quando fosse o caso, e roupa nova. Nos anos mais difíceis, punha a minha melhor roupa, mas lavadinha e bem passada pela minha mãe, que o fazia como mais ninguém sabia fazer, aos meus olhos.

Entrámos na sala onde uma orquestra estava a tocar uma música africana, já não me lembro se era cabo-verdiana, da Guiné-Conakry ou congoleza, mas tenho a certeza que não era uma música guineense. Fomos avançando pelo canto esquerdo do grande salão, cheio de pares que jubilavam na pista com a música deleitante; apercebi o resto da malta do nosso grupo no fundo do ângulo esquerdo, fomo-nos juntar a eles, abraçamo-nos uns aos **outros apresentando reciprocamente, com grande calor, os votos de Feliz** Ano Novo, com palmadinhas exageradas nas costas.

Ficámos na conversa durante muito tempo, alguns colegas estavam acompanhados, e outros como eu, não, porque preferi ir sozinho, com uma

larga esperança de fazer uma nova conquista. E, a uma dada altura exclamei, é pá eu vim cá para dançar e não para falar, vou fazer uma ronda por aí. Afastei-me uns metros dos meus amigos, quando deparei com uma cara diferente das outras, mas muito diferente mesmo, fixei-a uns minutos prolongados, e acabei por avançar com uns passos hesitantes na sua direcção.

Cheguei junto dela e fiz uma ligeira vénia com o tronco inclinado ao mesmo tempo que estendia a mão esquerda, pondo a direita atrás das costas e solicitei com a voz trémula e quase inaudível: Concede-me esta dança?..

Ela olhou para mim, sem responder, pegou a minha mão que continuava estendida e levantou-se. Fomos para o meio da sala que estava muito cheia, o que obrigava as pessoas a dançarem muito coladas umas as outras.

Segurei-a pela cintura com a minha mão direita, ela fez a mesma coisa comigo com a sua mão esquerda, enquanto levantávamos sincronicamente o meu braço esquerdo e ela o seu braço direito: as nossas mãos uniram-se ao mesmo tempo que senti o bater do seu coração encostado ao meu peito. Quis conter a respiração com medo de a incomodar.

Ela era alta, com umas pernas que nunca mais acabavam, bem constituída, pois não era magra nem era gorda, ela era simplesmente grande, como eu com os meus 1,87m de altura, apenas ao contrário dela eu era muito magro. Dançamos em silêncio, não queria que a música acabasse, assim ficámos e dançamos quatro músicas seguidas, uma passada angolana, duas mornas cabo-verdiana e um slow de Zé-Carlos. Tudo isso em silêncio, só os nossos corpos é que falavam uma linguagem que só um coração encostado a um outro coração podia decifrar.

Todo o meu ser estava hirto de prazer, eu era uma pilha de nervos, as pernas quase me tremiam, continuei a saborear aquele corpo colado ao meu, senti o calor a subir-me pela espinha dorsal, e senti as formigas na cabeça, apertei mais o seu corpo para junto de mim e ela deixou-se levar levezinha nos meus braços, e nos meus passos ao compasso da melodia que nos embalava. Sem me dar conta fechei os olhos, deixei-me guiar por minha vez, pelos meus instintos musicais e amorosos.

Quando a música acabou, abri logo os olhos com vergonha de ela me surpreender, afastámo-nos um do outro, acompanhei-a até ao lugar, disse-lhe obrigado quase a fugir para o canto onde estavam os meus amigos, que não se aperceberam de nada.

Belisquei o N'Djimbô, ele olhou para mim surpreso e perguntou:

O que é que foi, N'Djaka?

Olha, olha - respondi fazendo sinal com a cabeça.

Olha o quê? Fala de uma vez.

Estás a ver aquela menina de vestido azul clarinho, ali, de pé ao lado daquela mesa do lado direito?

Qual menina?

Não estás a ver, aquela de azulinho, olha agora, está a falar com a amiga da saia preta e blusa vermelha...

Ouauuu!..Ela manda uma carcaça!..

Ó pá não sejas parvo, pá, acabei de dançar com ela e até agora ainda tenho os pés trémulos, tenho a certeza absoluta que está falar de mim com a amiga.

Pronto! Lá estás tu, sempre apaixonado.

Não! Não, não é nada disso, eu acho que a corrente passou entre mim e ela

Deixa-te lá de imaginações, já olhaste bem para a senhora, não é nada do teu gabarito.

- Mas olha, N'Djimbô, podes não acreditar, eu nunca tinha sentido isso antes, ao dançar com uma menina, foi uma estranha sensação de paz e felicidade interior.

Nunca tinhas sentido o quê?

Tu estás a ser chato, já te disse que algo aconteceu entre nós os dois, mesmo sem nos falarmos.

- Olha, rapaz, vamos até ao bar e vais ver que a tua miragem vai desaparecer dessa cabecinha.

- Opáá!.. Um gajo não pode falar a sério contigo. - Persegui o meu amigo falando sem parar, gesticulando com os braços, ao mesmo tempo que caminhávamos para o bar, tentando descrever aquilo que senti ao dançar com aquela moça.

Filho de Deus, parece que te caiu um raio na cabeça.

Não foi na cabeça, foi no coração.

Pedimos duas cervejas, regressámos para junto do grupo dos amigos, onde a conversa ia de vento em popa, em relação a todos os temas possíveis

e imaginários. E eu continuei a olhar para aquela criatura divina furtivamente, sem prestar grande atenção à conversa dos meus colegas. Sempre que ela olhava na minha direcção, os nossos olhos se cruzavam, eu baixava os olhos e ela virava a cara automaticamente para outro lado.

Passado uma hora e meia nesse jogo de gato e rato dos olhares, não aguentei, fui convidá-la para uma nova dança, ela aceitou com um grande sorriso como se já estivesse à espera do convite com muita ansiedade.

Desta vez abraçámo-nos de corpo e alma ao dançarmos, eu tinha os meus dois braços a cinturar-lhe o corpo e ela tinha os seus dois membros superiores em tomo do meu pescoço. Eu queria prolongar aquele momento até ao infinito; dançamos tanto, com tanto gosto, que já nem sabia quantas músicas tínhamos dançado sem repouso, salvo quando a orquestra acabava uma música para começar logo de seguida uma outra.

Foi num desses curtos espaços de tempo que aproveitei para lhe perguntar como é que se chamava, ela sorriu e respondeu Bampí. Dançámos mais uma música, segui os seus passos até ao seu lugar, notando os olhares inquisitórios das pessoas que estavam à mesma mesa com ela.

No fim da festa, fui ter com a Bampí e ofereci-me acompanhá-la a casa, ela respondeu-me educadamente que agradecia imenso o gesto, mas que estava cansada e que, para além disso, tinha vindo com a sua prima Amila e o marido da prima, mas se quisesse, podia ir buscá-la ao serviço na próxima segunda-feira, às dezoito horas.

Respondi que sim prontamente, sem me fazer de rogado. Perguntei onde é que ela trabalhava. Ela respondeu que era funcionária do Banco Nacional.

Olhei para ela, ela olhou para mim dentro dos olhos, aproximámo-nos instintivamente e dei-lhe dois beijinhos húmidos na cara, distanciámo-nos devagarinho como se tivéssemos medo de nunca mais nos vermos. Caminhei alguns passos, voltei a cabeça para trás sem parar de andar, por coincidência ela também virou a cabeça nesse preciso momento. Fiz um aceno com a mão, ela respondeu e, virou a cara para a frente, sempre a caminhar ao lado da Amila e do cunhado. Esses não se deram conta deste furtivo gesto de comunicação, que para nós foi a prova de que tanto eu, como ela, já estávamos a pensar como é que ia ser o nosso próximo encontro.

O N'Djimbô e o Ocanti estavam tão entretidos a discutir qual das raparigas é que dançava melhor a música cubana, os pareceres diferiam no jeito de sair e de entrar, também na leveza dos pés, assim como na rotação das ancas.

O Ocanti pretendia que as meninas da rua Bissilom eram melhores, sem a mínima hipótese de dúvida, enquanto o N'Djimbô jurava pela alma da falecida mãe que, nenhuma mulher nesta cidade dançava pachanga como as meninas do Bairro de Tarafi, aliás, até porque elas são mais elegantes, e ninguém no grupo delas era gorda e estavam sempre muito bem vestidas.

O Ocanti retorquiu, meio chateado, que o amigo estava redondamente enganado, e esse estava a olhar para fúteis detalhes de roupa, que isso a seu ver não tinha a mínima importância: ao fim e ao cabo, não se trata de um desfile de modas, nem de um concurso de beleza.

O N'Djimbô veio à carga com um sorriso trocista no rosto, mostrando as suas fortes maxilas onde brilhavam os seus dentes brancos e fortes, um pouco para fora da boca, sob a tênua luz dos escassos candeeiros das ruas

que se misturavam com o primeiro nascer do sol, daquela primeira madrugada do primeiro dia do ano. Olha, meu caro amigo, sabes muito bem que a dança é uma arte e, como tal é um conjunto de um todo, por conseguinte a roupa também conta numa dança, seja ela qual for, estou de acordo que não é tudo, aliás, tu és o primeiro a dizer que não gostas de dançar com a Djapuf, porque ela tem um suor muito forte.

- Tudo bem! - Respondeu o Ocanti, - agora só não estou a ver qual é o elo de ligação entre vestir-se bem, ou não se vestir bem e, dançar bem ou não dançar bem! Agora, o meu amigo vem para aqui com cada mistura de alhos com bugalhos, que tenho uma certa dificuldade em seguir o seu raciocínio.

- Não te faças de mau pagador, nem de inocente, sabes muito bem que a dança é uma combinação de vários factores, que talvez analisados separadamente, como estás a pretender, tem um outro valor. Agora, para se apreciar uma dança, em primeiro lugar temos a música, depois é o traje, tal como nas cerimónias tradicionais, onde o traje tem que condizer com a cerimónia em causa, do mesmo modo que para a pachanga, também deve-se estar bem arreado e bem cheiroso para deslizar na pista, sabes que o cheirinho ajuda a brilhar no deslize.

- Tu tomaste mas é algumas *pampas* a mais, agora estás aí armado em advogado do diabo.

- Diabo És tu, mas só que ficaste com o rabo por dentro hoje, porque nenhum peixe mordeu o teu isco.

Acompanhou a sua última palavra com uma leve palmada amigável nas costas do amigo, que trazia vestido uma camisa de algodão creme sujo, de mangas compridas, um par de calças castanhas, um par de sapatos brancos

sem atacadores, que tinham sido bem engraxados na véspera, por não serem novos, e como toque final, tinha uma linda gravata verde com motivos amarelados.

Quanto ao N'Djimbô, estava vestido com uma camisa de setim, branca imaculada, de mangas curtas, com um laço preto a condizer com as calças e os sapatos pretos de fivelas.

Com essa de diabo com o rabo por dentro, o N'Djaka, que até aí não ligava à conversa dos colegas, apesar de caminhar no meio deles, pois ele só tinha ouvidos para o seu sentimento, não aguentou e rebentou-se em gargalhadas, abrindo os dois braços por cima do ombro de cada um deles.

Ele também vinha muito pomposo como era seu hábito, mesmo sem ser dia de festa. Nesse dia, adornava-se com uma camisa verde-marinho de linho, umas calças verde escuro de linho e um casaco caramelo também de linho, mandava um lindo par de sapatos castanhos escuros de atacadores.

Aquela hora da manhã muito cedo, as ruas encontravam-se desertas, caminhávamos no meio da estrada, porque os passeios estavam cheios de buracos, sem nos preocuparmos com as raras pessoas que iam cruzando pelo caminho. De uma vez em quando, passava um automóvel; também nos cruzávamos com grupinhos de mulheres que levavam balaies na cabeça cheios de pães quentes, que elas tinham acabado de comprar numa das padarias novas do centro da cidade. Acho que era naquela ali ao pé da catedral, que as pessoas chamavam padaria senegalesa. Eles faziam bons pães.

Comprámos alguns às senhoras e estavam bem quentinhos. As senhoras compravam os pães para irem revender nos bairros populares: era assim que muitas mães ajudavam os maridos a educar e sustentar os filhos.

Virei a cabeça para a esquerda e disse: - Ô N'Djimbô diz só ao Ocanti como ela é bonita.

Ela quem?

A Bampí!

Mas quem é a Bampí?

Poxa, já não te lembras, aquela serpente com quem estava a dançar, lembraste que ta mostrei na festa?

- Ah sim! O nome dela é Bampí?

- Sim, ela tem um nome muito giro, não é?

- Realmente é um nome bonito, só não sei se vai ou não com a pessoa! - Meteu-se o Ocanti na conversa.

-Pronto, já está o xico esperto com as suas manias de inquisições mal intencionadas. Foi o N'Djimbô quem falou para me defender .

-Não ligo, eu sei que isso é provocação, - falei nas calmas - e como eu não ligo às provocações, só quero que tu lhe expliques que ela é uma doçura de mulher!

-Mas eu não disse que era feia ou bonita, porque não a vi, agora por amor de Deus não vão começar o ano a embirrar com tudo que eu digo - defendeu-se o Ocanti.

-Tudo bem, - acrescentou o N'Djimbô, - diz-me só uma coisa, Ocanti, sabes de onde advém o nome Bampí?

Ocanti aventurou-se a responder, meteu as duas mãos nos bolsos e disse que achava que era de origem balanta, mas que ao certo já não se lembrava do significado, mas claro ele sabia, mas só que esquecera.

Vim em socorro do meu amigo que já se estava a lançar num longo discurso para mascarar a sua ignorância na matéria, engajando-se num terreno falso: a palavra Bampí é de origem pepel e não balanta, como ele pretendeu, e significa “quer mas não obtém” ou seja *e misti ma i cotcha*.

- Sim senhor, - lançou o N'Djimbô, - parabéns, estás a fazer progressos, N'Djaka, para ser sincero nem eu sabia, só estava a crer meter-me com o Ocanti, mas tu saiste-nos cá um par de ases, não é Ocanti?

- Ah sim! Mesmo eu que falo pepel fluentemente, não sabia, mas como tinha vergonha de dizer que não conhecia o significado de Bampí na minha língua materna, estava a tentar dar-te a volta para me fazer de importante, mas aqui o apaixonado, deixou-nos cabisbaixos.

Parem lá com isso, - resolvi cortar a conversa, porque senão ia ser alvo de gozo até chegarmos a casa. - Ela tem mesmo algo de diferente das outras meninas, se ouvissem a sua voz, é tão meiga, os seus olhos... Parece que querem falar, a maneira como olhou para mim quando lhe perguntei o seu nome...

Larguei os ombros dos meus dois amigos, dei dois passos rápidos em frente, virei para eles e comecei a caminhar de costas ao mesmo tempo que explicava e gesticulava com os dois braços no ar, olhando fixamente para os meus amigos que estavam muito intrigados com o meu entusiasmo e a tamanha paixão que brilhava nos meus olhos, paixão por uma mulher que só sabia o nome dela, onde trabalha e que me tinha marcado um encontro para segunda-feira, quer dizer, dentro de três dias, depois do horário laboral normal dos funcionários públicos.

Mas para mim, todos os detalhes eram sinais importantes de que aquela era a mulher com que sempre sonhei, já me sentia feliz só de pensar nela, imaginava os seus lábios carnudos colados aos meus; só de pensar nisso já tinha água na boca, poder abraça-la com força mas sem a sufocar, nem machucar a minha jóia, o meu tesouro...

O N'Djimbô e o Ocanti olhavam incrédulos para mim, parecia-lhes que eu estava a representar uma peça de teatro, faziam mímicas explicativas para cada palavra de amor que tirava da boca, o meu ar era tão convincente, que nenhum deles se aventurou a contrariar ou a fazer comentários a propósito das grandes declarações do meu coração, que visivelmente estava a treinar-me para o grande dia do encontro na esquina do Banco Nacional.

III

Primeira segunda-feira do mês de Janeiro, o átrio do Liceu parecia uma passarela de modas: as alunas estavam trajadas de roupas novas e os rapazes também não se faziam de rogados, era como se a festa do Natal e do fim do Ano continuasse no Liceu Nacional, isso ia durar uma semana, à semelhança dos outros anos.

O Ocanti e o N'Djimbô olhavam furtivamente para o relgório, ao mesmo tempo que apreciavam o vai e vem no corredor, algumas pessoas estavam paradas em frente das portas das suas respectivas salas de aulas, eram grupos de cinco ou sete pessoas, a maioria já estava dentro das salas à espera do professor. A campainha tinha acabado de tocar, mas até então ninguém ainda me tinha visto. O professor devia estar a chegar de um momento a outro.

O Ocanti sempre mais agitado, disse para o N'Djimbô: - Mas onde È que se meteu o N'Djaka, ele que nunca falta as aulas?! - O N'Djimbô rematou, e logo hoje no primeiro dia de aulas, depois das férias, não é nada bonito, isto é falta de disciplina.

Ocanti é filho de um Combatente da Liberdade da Pátria, nasceu na zona libertada antes da independência, foi aluno da Escola Piloto, onde lhe foi inculcada uma grande noção de disciplina colectiva, um respeito e solidariedade entre os condiscípulos, sobretudo um grande espírito de camaradagem.

Lembro-me uma vez, ele contou-me uma história que me marcou muito, eu que nasci na cidade de Bissau, era uma coisa jamais imaginável. Disse-me que na Escola Piloto todos tinham uma veneração pelo Amílcar Cabral, que também fazia tudo por tudo para ser admirado e amado pelas crianças. Foi ele quem criou a Escola Piloto durante a Luta de Libertação Nacional, isso foi em 1965, na sequência do Congresso de Cassacá, em 1964.

No decorrer deste histórico congresso do PAIGC, Cabral fixou como objectivo a educação dos pioneiros, com vista a superar a falta de quadros nas fileiras do Partido, entre outros objectivos, e a partir daí o ensino passou a ser um dos principais motores da máquina do Partido, logo a seguir às Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP).

Cabral dizia que a Luta só podia ir avante com muita disciplina entre os camaradas dirigentes do Partido e nas fileiras das FARP, mas que também não se devia esquecer que as crianças é que são os herdeiros naturais e legítimos da nossa luta, foi assim que escreveu a palavra de ordem que todos afeiçoámos: *As crianças da nossa terra são as flores da nossa luta.*

E como estava a dizer, a história que o Ocanti me contou é assim: Cada fim de ano lectivo, fazia-se uma selecção de pioneiros mais disciplinados e com melhor aproveitamento escolar para uma visita de estudo e formação militante num dos países dos seus sonhos, URSS ou Cuba. Um dia chegou a vez do Ocanti ser contemplado com uma visita à URSS, ele contou-me que passou dois dias sem dormir quando lhe foi anunciada a decisão, e quando chegou o dia da partida, pensou que estava a sonhar, nunca tinha visto um avião de perto, no seu subconsciente tinha uma verdadeira aversão aos aviões que eram uma terrível máquina de matar, isso porque tinha sempre presente na

alma os bombardeamentos dos avôies dos colonialistas portugueses que largavam bombas napalms, que causavam muitas baixas aos Combatentes da Liberdade da Pátria e a população civil, incluindo crianças e mulheres.

Foi então com o coração nas mãos que ele caminhou silenciosamente para o grande pássaro de ferro, seguindo as pegadas dos camaradas que marchavam em fila indiana à sua frente. Estavam todos vestidos de fardas novas dos pioneiros, com um lenço amarelo no pescoço, mas a parte da história do Ocanti que me surpreendeu mais foi que, uma vez postos lá na URSS, foram acolhidos por uma fanfarra dos pequenos soldados vermelhos, depois foram encaminhados para um grande autocarro verde daqui, com uma estrela vermelha pintada na porta da frente.

Levaram-nos para um Centro de Acolhimento especialmente construído para receber os pequenos camaradas africanos vindos da África onde lutavam pela liberdade. As camaratas tinham cinquenta beliches em cada compartimento. Depois de estarem instalados, viram chegar mais e mais autocarros com crianças de diferentes nacionalidades. As refeições também se faziam em enormes refeitórios. Depois de um jantar leve, foram todos para a cama, sem dúvida por causa do cansaço da viagem.

De manhã cedo foram acordados pelo toque de um clarim que berrava pelo altifalante colocado em cima da grande porta da camarata, dois minutos depois ouvia-se a Internacional Socialista no corredor que levava aos lavabos, e lá iam todos mal acordados, alguns ainda meio adormecidos, para a casa de banho com as toalhas nos ombros.

E uma vez em frente do lavatório, o Ocanti se deu conta que com a emoção da viagem, esqueceu-se da sua escova de dentes em Boké. Mas ainda nem tinha acabado de pensar como é que ia sair dessa, que um camarada pioneiro da URSS, que tinha ocupado a cama ao lado da sua na véspera lhe estendia a sua escova de dentes ainda molhada, com um sorriso natural no rosto.

Por isso, entende-se hoje esta grande preocupação do Ocanti em relação a pontualidade e a disciplina. O N'Djimbô que não foi aluno da Escola Piloto como eu, mas também não ficava para trás em termos de solidariedade e disciplina na escola, pois ele ficou órfão muito novo, acho que já nem se lembra da cara do pai, a única coisa que sabe é que ainda era criança quando um dia, na madrugada do mês de Agosto, bateram violentamente à porta da casa onde morava com os pais; a casa só tinha um quarto com uma cama grande onde dormiam a sua mãe e o seu pai, ele tinha um colchão individual que punha no chão para dormir.

Nessa madrugada, quando bateram à porta, o pai deu um salto da cama, correu para apanhar as calças que estavam no cabide ao lado da porta, enfiou-as à pressa e, antes de poder vestir a camisa, ouviu uma voz a mandar abrir a porta, ameaçando arrombá-la se não a abrissem imediatamente.

A mãe levantou-se da cama, amarrou um pano por cima do peito que cobriu todo o seu corpo até aos calcanhares, foi ela quem, mal abriu a porta, foi empurrada bruscamente e sem modos para o meio do quarto por dois indivíduos de raça branca, dois outros da mesma cor entraram, cada um deles segurou o pai dele por um braço e arrastaram-no para fora da casa.

Nesse momento, o N'Djimbô começou a chamar pela mãe que chorava devagarinho, ela segurou a mão do filho, foram para a varanda, viram um indivíduo de raça negra, sentado ao lado do condutor de um Land Rover verde, côm de azeitona, que tinha o motor em marcha.

Os quatro homens empurravam o pai dele, abriram a porta do traseiro do Land Rover, enfiaram-no lá para dentro sem acomodação, entraram no carro que arrancou deixando para trás o olhar surpreso do seu pai ao reconhecer o indivíduo que ia ao lado do motorista do carro da PIDE.

Foi essa a última vez que N'Djimbô viu o pai, como tinha cinco anos de idade quando isso aconteceu, nem consegue lembrar da cara do seu pai, apesar da fotografia a preto e branco que a sua mãe guardava preciosamente em cima da cômoda que ornamentava a sala-quarto da sua habitação.

A mãe, mulher corajosa e trabalhadora, que tinha recebido uma educação religiosa no Colégio das Madres da Estrada de Bôr, continuou fiel ao marido dado por desaparecido, com uma vaga nuvem de esperança na alma, em como um milagre podia fazer com que ele ainda estivesse vivo. Todos os santos dias obrigava o N'Djimbô a rezar juntamente com ela duas vezes, de manhã ao acordar e a noite antes de dormir. Ajoelhavam-se em frente da fotografia, com um terço na mão e uma bíblia aberta em cima da cômoda para pedir a Deus que lhes desse o pão de cada dia e poupasse a vida do seu marido.

Para a subsistência, a mãe de N'Djimbô confeccionava pastéis de bacalhau, doces de mancarra que dava ao N'Djimbô para ir vender na varanda da taberna do Ti-Pidro, todos os dias de manhã até ao meio dia, hora em que

N'Djimbô voltava a casa para almoçar. E logo depois do almoço ele lavava os pratos e a mãe punha-o a caminho da escola, enquanto ela se sentava à sua máquina de costura.

Foi assim que o N'Djimbô fez toda a sua instrução primária, acordando de manhã muito cedo para ajudar nas lidas da casa. Varrer o chão, lavar os pratos, tomar o pequeno almoço, ir vender as guloseimas feitas pela mãe e a tarde ir para a escola, enquanto a mãe costurava infatigavelmente blusas, saias e vestidos encomendados pelas meninas e senhoras de todas as idades.

A senhora sua mãe tinha a reputação de ser uma excelente costureira, ela aprendeu a arte de bordados e costura com as freiras da Estrada de Bôr onde foi criada. Para mais era muito asseada, cumpridora da sua palavra, o que a diferenciava das outras costureiras que diziam hoje, depois diziam amanhã, por vezes mesmo, chegavam a perder o tecido da cliente.

Foi dessa educação honrada, forjada no suor e rigor, respeitando os compromissos, que N'Djimbô tirava toda a sua força de carácter, a sua obcecação para as regras de boa conduta, assim como esse fogo latente de vencer na vida. Por isso mesmo, não brincava com os seus estudos, convicto de que era a melhor forma de testemunhar a sua gratidão e de compensar a sua mãe.

O Ocanti e o N'Djimbô trocaram um olhar cúmplice, o Ocanti exclamou: Uau!.. N'Djimbô estás a ver o que eu estou a ver? O N'Djimbô abriu a boca, o seu largo sorriso encheu-lhe o rosto, enquanto dizia que sim com a cabeça, sem pronunciar uma palavra. Todos os colegas da turma correram à porta para saber o motivo desse grito do Ocanti, as miúdas desataram-se a rir sorrateiramente, escondendo a cara.

Olhei para o Ocanti e o N'Djimbô e disse-lhes: - o que é que foi? Nunca me viram? Querem a minha fotografia ou quê?..

Ninguém respondeu, pois eu estava a chegar atrasado, também sabia que não foi por causa disso que o Ocanti provocou todo aquele escândalo à porta da sala, ainda por cima eu já vinha muito nervoso. Não estava zangado com os amigos mas deixava transparecer um nervosismo que não escapava a ninguém. Com efeito, admito que estava exageradamente elegante para um dia de aulas.

Trazia uns sapatos de verniz a brilhar, um par de calças cinzentas e uma camisa azul escuro com botões de punho e um par de óculos escuros. Tinha ido ao barbeiro, o que me dava um ar aprilino.

Nisso vinha a chegar o professor, sem que o Ocanti me pudesse responder, mas o N'Djimbô vivo como ele é, aproximou-se do Ocanti e sussurrou-lhe aos ouvidos: — Eh pá, não te lembras que o nosso camarada tem um encontro hoje ao fim da tarde com aquela menina da festa?

O Ocanti puxou a manga da camisa do N'Djimbô e perguntou-lhe: - Qual miúda?

O outro respondeu seco: - Ó pá, a Bampí! Òooh!!!, - suspirou o Ocanti.

Todos os alunos na sala se viraram para ele, o professor exigiu silêncio dizendo as férias já acabaram.

IV

O sol declinava a sua luminosidade sobre a cidade, o N'Djaka vinha a descer a avenida principal em direcção ao Banco Nacional, empurrado pela pujança de um amor nascente, germinado numa paixão imprevisível. De longe viu a silhueta da Bampí vestida de umas calças verdes e uma blusa exageradamente larga, da mesma cor das calças e um par de sapatos castanhos, iguais à sua carteira. Ela estava entretida a falar com a Amila e mais duas colegas de serviço. Ao chegar junto delas, calaram-se todas, ele cumprimentou a Bampí com dois beijos e ela apresentou a sua prima, Amila e as duas outras colegas.

O N'Djaka disse à Amila que já a tinha visto na festa do fim do ano, ela ficou um pouco embaraçada por não ter reconhecido o amigo da prima, limitando-se a responder: que sim que era verdade.

A Bampí olhou para ele e disse-lhe: - Vamos? - Ele respondeu logo, vamos. Despediram-se das amigas, tomaram a direcção do porto, sempre a descer a avenida, e não a subir, que era a direcção da casa da Baípi, as colegas acharam estranho, entreolharam-se sem fazer comentários.

Estavam a caminhar lado a lado sem pressa, chegaram ao jardim do porto, o N'Djaka perguntou a Bampí como é que tinha sido o seu dia, ela respondeu que muito bem, embora o tempo parecesse mais longo (hoje). Ela perguntou-lhe por sua vez qual era o seu signo. - Caranguejo - respondeu-lhe.

A Bampí disse-lhe: - Olha, eu sou Aquário. Ele exclamou: - Dizem que o caranguejo dá-se muito bem com todos os signos da água. - Oxalá, - murmurou à Bampí.

Assim foram falando de cinema, de poesia, até chegarem a um banco do jardim ladeado de muitas flores e sentaram-se, tinha a vista estendida sobre o mar, ficaram com os olhos pregados no horizonte a falar das suas vidas e projectos. A Bampí já trabalhava há muitos anos no Banco Nacional, mas agora o sonho dela era partir dessa cidade, estava cansada dessa monotonia da vida que lhe era imposta por esta sociedade, queria conhecer outros mundos, outras civilizações. Ela vivia em casa da sua mãe com a sua irmã mais velha que tinha dois filhos, de um casamento que foi um autêntico fiasco. Também vivia lá em casa o irmão mais velho, que nunca fez nada na vida, a não ser embebedar-se e correr atrás das saias de umas mulheres duvidosas, sempre que lhe aranjavam um emprego, ele conseguia encontrar maneira de ser despedido.

Quanto ao pai, abandonou muito cedo o lar, vivia agora com uma outra mulher, com quem não parava de fazer filhos. A Bampí parou de falar, olhou para o N'Djaka que bebia as suas palavras, disse-lhe: - Estou a encher-te o saco com os meus problemas não é? - Não, nada disso, - apressou-se a responder o N'Djaka; Está bem, agora fala-me de ti, eu já falei muito.

- Olha, eu não gosto muito de falar de mim, mas pelo que acabei de ouvir, temos uma coisa em comum, gosto muito de viajar mas também não tenho meios para tal, mas como adoro ler, vou-me refugiando nos meus livros que me permitem viajar sem sair de casa, deves experimentar, hás-de ver que é fabuloso viajar através da leitura.

Colocou uma mão em cima do joelho da Bampí, ela olhou para ele, ele sorriu para ela com um ar afável, ficaram assim uns minutos como se estivessem petrificados, depois ele debruçou-se sobre ela e beijou-lhe os lábios suavemente. Ela fechou os olhos colocou as suas duas mãos na nuca dele, fez-lhe uma ligeira pressão obrigando-o a baixar-se em harmonia com a sua cabeça, beijou-o longamente sem abrir os olhos, ao mesmo tempo que os seus corpos se aproximavam cada vez mais um do outro.

Abriam os olhos, pararam de se beijar e ficaram abraçados durante muito tempo olhando para o mar cujo bater da água nas rochas parecia o rufar de vários tambores anunciando a nascença de um amor profundo que patenteava os seus olhares mergulhados no mar, quais dois seres descobrindo o amor pela primeira vez.

A noitinha veio bater à porta do mar acordando os dois namorados, deram conta que estava a fazer-se tarde, ela levantou-se, ele levantou-se, encostou-se a ela e enlaçou-lhe a cintura. Assim foram caminhando. Ao aproximarem-se da casa da Bampí, ela disse-lhe que era melhor não levá-la a casa, ainda era muito cedo e não sabia como é que a sua mãe havia de reagir. Pararam a uns duzentos metros da casa, encostados um ao outro, beijando-se com muito ardor e ternura, o N'Djaka olhou para os seus olhos e disse-lhe:

Diz-me que sempre serás minha?

Amo-te, meu tonto!

Está bem, mas promete-me que serás só minha por toda a vida.

Juro que sempre hei-de amar este louco que tenho nos meus braços, que me dá a maior sensação de bem estar interior que jamais senti.

Assim está bem, já posso ir tranquilo, a lua é testemunha de que sou o homem mais feliz do planeta.

Tenho que ir, meu bem - disse ela, com uma lágrima de alegria no canto do olho

Um dia - disse ternamente o N'Djaka que se apercebeu da lágrima - o teu olhar há-de brilhar no altar da Catedral, ao meu lado.

À semelhança do dia anterior, fui buscar a Bampí à saída do serviço, à mesma hora, no mesmo local e, ela lá estava com as suas amigas. Os dias e os meses foram passando e religiosamente continuava a ir à esquina do Banco Nacional, às vezes chegava mais cedo, às vezes mais tarde, mas ia todos os santos dias ao encontro que norteava as nossas vidas, que houvesse chuva, fizesse sol, frio ou calor, ela estava sempre a sorrir quando me via chegar.

Na cidade viam-nos sempre juntos, isso era motivo para se falar do nosso namoro, por ela ser mais velha do que eu, tinha um emprego estável e eu ainda estava a acabar o 7º ano do Liceu, mas também dava aulas, o que me conferia uma certa autonomia.

O nosso amor era tão sincero e natural que nos tornámos verdadeiros amigos, a nossa paixão parecia um conto de fadas, não ligávamos puto ao que as outras pessoas diziam de nós. Eu sentia-me tão bem com ela que esqueci todas as outras namoradas que tinha: agora só tinha alma e coração para a Bampí.

Quanto à Bampí, eu pensava que ninguém podia se sentir mais amada do que ela: irradiava de felicidade, quando fazíamos amor, ela confessava-me

prazeres que só nos sonhos existem, repetia-me vezes sem conta que queria mais, às vezes eu sentia-me entontecido com tanto calor do seu amor.

Na rua, queria sempre estar abraçada a mim, dizia que era para mostrar a toda a gente que não tinha complexos em assumir o nosso relacionamento. Não havia festa a que eu fosse sem ela ou que ela fosse sem mim. Muitas vezes, depois de uma festa íamos ao porto, sentávamos no nosso banco do amor, pois assim o baptizámos, o banco que nos viu trocar o primeiro beijo, que testemunhou o parto do nosso amor, ficávamos a olhar para o mar, testemunha dos nossos sonhos, depois acompanhava-a a sua casa, a mãe dela já me conhecia. Aos fins-de-semana jantávamos juntos, e se não tivéssemos programa, íamos ao cinema ou ficávamos sentados na varanda da sua casa a falar e a ver as estrelas até de madrugada.

Aos domingos eu ia à igreja sozinho, como ela era protestante ia ao culto às sextas-feiras .

Agora que estou a falar da religião, vem-me à mente que era a única coisa que não fazíamos juntos, era ir à igreja. A religião era a única coisa que não partilhávamos, mas mesmo assim o nosso amor era tão grande, que superávamos essa diferença com muita naturalidade, de forma que nunca causou nenhum transtorno à nossa relação. Lembro-me que uma vez fui esperar por ela à saída da sua igreja. Estou lembrado desse dia, porque a partir dessa data a Bampí começou a ter uns comportamentos nunca antes conhecidos por mim, pareceu-me que ela estava a mudar pouco a pouco, já não me parecia tão feliz quanto antes, cheguei a comentar esta preocupação com o N'Djimbô e o Ocanti, eles eram da opinião que alguma coisa de grave podia estar a passar-se, o melhor era eu ter uma conversa séria com ela .

Assim tentei fazer. As minhas várias tentativas para estabelecer o diálogo revelaram-se infrutíferas, ela falava muito pouco agora, a maior parte das vezes limitava-se a dizer sim ou não, o que não me facilitava a tarefa; ela continuava a afirmar que estava tudo bem entre nós e, eu fui apercebendo dia, após dia, que algo de estranho estava a passar-se.

À noite, quando me despedia dela, abraçava-me com força e eu sentia o bater do seu coração que me parecia anormal, ela agarrava-se a mim, como se o amanhã não fosse existir.

Contando esta história, lembro-me do romance de Fernando Da Costa, *O Viúvo*, ao falar dos desencontros nos amores ele escreveu que: *" Todos temos uma ilha de amores. Para a merecer damos a volta ao sonho, construímos nas para-gens desembarcadas imitações dos lugares de origens, que fecundam com fé, e retor-namos."*

No que me toca, não sou o que sonhei ser, mas continuo viajando pela paixão, esperando merecer o meu sonho desaguado no porto de Bissau, em frente ao nosso banco do amor.

MAFINGHARAWÉ?..

I

Tudo fazia crer que aquele dia não ia ser como os dias precedentes. O senhor Obopoló-camba-mar acordou com o pé esquerdo, estava naqueles dias em que uma pessoa se levanta da cama com uma insustentável sensação de tristeza profundamente naufragada na alma. Sentimo-nos triste sem saber concretamente o porquê dessa nebulosa preocupação, todo o nosso olhar interior paira sobre uma nuvem cinzenta que é um *cocktail* de: apreensibilidade, raiva, pena, frustração e indefinição do rumo da vida.

Dirigiu-se à casa de banho, barbeou-se, tomou banho de água fria, pegou nas calças preta que estava pendurada num prego de vinte, pregado para o efeito do lado interior da porta da casa de banho, foi para o quarto, abriu a porta do guarda-fato e escolheu uma camisa branca bem engomada, de mangas compridas com dois botões na extremidade .

Encaminhou-se para a cozinha para tomar o desjejum. Ligou o rádio, ao mesmo tempo que se sentava à pequena mesa de metal, igual àquelas que se vêem nas esplanadas dos cafés, com uma taça de café preto sem açúcar. De facto, todos os dias ao acordar, o senhor Obopoló-camba-mar, ia directamente à cozinha, abria a porta direita do armário branco fixado à parede, por cima da pia de lavar loiças, tirava um bocal de tampa preta, apanhava cuidadosamente um filtro do pacote dos filtros, deitava água fria da torneira na máquina de café, depois abria o bocal que contém uma colher de plástico

para apanhar café, deitava duas colheres no filtro introduzido na máquina, voltava a tapar o bocal, coloca-o no seu lugar dentro do armário da cozinha, tirava uma chávena e um pires que colocava em cima da mesa da cozinha, ligava a máquina do café antes de ir para o banheiro, para que o aroma do café pudesse ajudá-lo a despertar.

Assim se gabava no Ministério das Fossas, onde era Director do Gabinete do senhor Doutor Ministro do importantíssimo Ministério das Fossas.

Nesse dia, a rádio berrava uma música estranha, que parecia vir de outras ondas diferentes da habitual matutina que costumavam passar, todos os dias antes do primeiro jornal da manhã, e que ele ouvia religiosamente todos os santos dias às seis horas de manhã. Mas hoje estavam a dar um som ininterrupto de latas e canecas vazias a chocalharem com garrafas vazias, ritimado pelo chilrear do vento que parecia furioso.

O senhor Obopoló-camba-mar interrompeu, a meio, o gesto do braço esquerdo que levava a taça do café fumegante à boca, apurou os ouvidos, ao mesmo tempo que tentava sintonizar o seu pequeno rádio a pilhas, com a mão direita. Mas a música continuava a martelar-lhe os tímpanos sem alteração do som que permanecia muito alto, nem mudança de sintonização. Poisou a chávena do café que libertava um fumo transparente e agradável, segurou o rádio com as duas mãos, virou-o e revirou-o, mexeu nos botões da frequência, tudo isso foi em vão, o volume do rádio continuava muito alto e a difundir a mesma música! Indagou-se: - será que vamos ouvir mais uma nova ladainha dos chefes?

Poisou o rádio com muita cautela em cima da mesa. Sem despregar os olhos da marca redonda do pequeno altifalante que se desenhava no rádio, pôs as duas mãos na cintura, recuou dois passos, voltou a avançar, pegou no café e deu dois goles, sempre com os olhos suspeitosos pregados no rádio.

De repente a música parou, ouviu-se uma voz grossa e rouca que parecia ler um comunicado oficial.

As paredes do estômago apertaram-se-lhe enquanto ouvia a voz que anunciava: por razões de segurança e ordem pública - dizia a voz do locutor - foi tido como sumamente conveniente que todos os cidadãos devem ficar hoje em casa com as portas e as janelas fechadas, até nova ordem. Qualquer indivíduo, seja ele de sexo masculino ou feminino, maior e vacinado ou menor e emancipado, que se aventurar a não cumprir esta ordem, será punido pela ordem máxima da nossa revolta com a pena máxima da Nação.

Isto! - Continuou a voz grossa e rouca ironicamente autoritária da rádio, isto é uma revolta do lixo para pôr cobro aos longos anos de irresponsabilidade e traição de todos quantos pactuaram com os que dirigem esta cidade.

Lembramos aos cidadãos que os revoltosos foram, ao longo destes anos, depositários residuais de um tempo recentemente passado, onde testemunharam a decadência irreprimível da cidade, que foi ficando sem luz nas ruas, num vai e vem de energia eléctrica e de água potável nas casas da maioria da população que não tem gerador individual; as estradas cheias de buracos por tudo quanto é bairro, incluindo em frente ao Ministério das Estradas; alguns pontos da cidade pareciam um depósito internacional de lixos, deixados ao Deus dará, ao mesmo tempo que alguns cidadãos, eleitos

pela Obra da Santa Bárbara, adornavam-se sem vergonha com enormes jee-
pes 4X4 japoneses último grito, onde andavam sempre com os vidros fecha-
dos por causa do ar condicionado, mas também para se isolarem do resto
dos automobilistas que são cidadãos comuns.

Pois os novos ricos, que não ganharam totoloto e nem herdaram nenhu-
ma fortuna familiar, tornaram-se indiferentes e insensíveis aos olhares de
repugnância dos transeuntes que viviam fazendo acrobacias para se alimen-
tarem e para circularem a pé entre restos de passeios e estradas esburacadas,
coalhadas de automóveis de luxo, de *candongueiros*, de *toca-tocas*, de *chapas-
cem* e de *Somadas-nô-bai*.

O senhor Obopoló-camba-mar levantou-se, abeirou-se da janela da sala
com uma vontade irreprimível de sair à rua, mas o medo ainda era maior
que essa vontade, pelo que se limitou a olhar para a janela e foi com muita
apreensão que obedeceu às ordens dadas pelo comunicado, fechando a jane-
la, enquanto dava um golpe de vista para a porta que continuava encerrada
desde a noite anterior.

Foi ao telefone, levantou o auscultador e deu conta que não tinha nenhum
sinal. Mesmo assim tentou marcar um número, sem resultado, não funcio-
nava, de um gesto automático carregou no interruptor da luz, nada, voltou
a carregar para cima e para baixo, nada. Fez-se silêncio no escuro, sentiu-se
isolado sem telefone, sem luz, sozinho com o seu pequeno transistor a pilhas
que continuava a intercalar mensagens e a mesma música infernal.

Então, começou a sussurrar no escuro: Meu Deus, se ao menos tivesse a possibilidade de falar com o meu compadre! Nem ousou imaginar como é que está o meu afilhado, ooh senhor que afronta!.. E a minha comadre que sempre foi fraca de espírito?.. Deve estar feita maluca a tentar ligar para mim.

Estou mesmo a ver o meu compadre a tentar convencê-la de que não tem linha e, ela continuar a discar no escuro, enquanto diz ao meu compadre para acender uma vela, porque ela não consegue telefonar assim, mas eu cá sei que ela conhece o meu número de telefone de cor e salteado.

A propósito, talvez seja melhor para mim, acender também uma vela, pelo menos a chama da vela vai me fazer companhia. Pois claro eles não interditaram o uso da luz da vela...

Levantou-se, dirigiu-se à cômoda que se encontrava ao lado da porta da entrada principal da casa, junto ao cabide de pé alto, onde estava pendurado um chapéu de feltro, um par de guarda chuvas e uma gabardine amarelo queimado. Estendeu as duas mãos para apalpar no escuro, sentiu a presença de um objecto na ponta dos dedos da mão direita, que reconheceu como sendo o pires onde costuma deixar uma vela e uma caixa de fósforos, à cautela, para fazer face aos cortes frequentes e repetidos da energia eléctrica que assolam o país. Confirmou que se tratava bem da vela, juntando a mão esquerda a volta da vela. De repente parou aí de pé com as duas mãos segurando o recipiente que continha a vela e os fósforos.

Pensou: Mas se no momento de acender a vela, pegar o fogo à casa?.. Nesta escuridão, sem telefone e sem água, o que vai ser de mim?.. Não, não é nada prudente andar aqui a raspar fósforos. Mas... Os meus compadres?..

Rogo a Deus que não acendam a vela. - Ao dizer isso caminhava pela casa, levando a vela apagada consigo, colada ao seu umbigo nu, porque tinha a camisa completamente desabotoada. Voltou ao seu lugar junto ao rádio, havia no ar um não sei que de forças malfazejas.

Sentou-se à mesa, pôs as duas mãos debaixo do queixo e iniciou uma viagem interior, vendo o filme da sua vida em retrospectiva. Isso já era de esperar. - Disse em voz alta para consigo, como se estivesse a falar para os seus botões - já lá vão muitos anos desde que a cidade tinha disparado numa mutação rápida e incontrolada: eram gentes que vinham do interior do país, fugindo à miséria e ao esquecimento do poder central, na esperança de conseguirem um emprego ou de fazerem algum negócio, até se falava de estrangeiros que tinham fugido à guerra ou, e, da pobreza que ceifava a nossa sub-região.

Todos nós vivíamos a transformação com muita inquietação e raiva dos governantes, que pareciam cúmplices cegos e surdos, mas com muita saúde na boca. Falava-se que nos bairros periféricos, havia bandos organizados que faziam assaltos à mão armada, violavam senhoras e crianças e, até já andavam a dar tiros aos infortunados, se tentassem defender-se, ou tentassem proteger os seus escassos bens materiais. Ele tinha sepultado estas lembranças nas profundezas da sua memória, por o terem marcado tanto, mas hoje viu-se a exumá-las com arrepios nas costas.

É verdade que a gente do povo já tinha começado a desconfiar dos desmandos repetidos de alguns dirigentes que ficavam impunes, diziam também que havia responsáveis que sabiam muito mais do que pretendiam, acerca da corrupção e da sujeira que se vinham alastrando pela cidade.

Também não deixa de ser verdade que os dizeres da boca do povo não podem constituir uma prova irrefutável da corrupção crescente, mas ela é um elemento importante e muito sério para suspeição.

O senhor Obopoló-camba-mar ficou horas a fio nessa posição em profunda meditação, a passar e a repassar em revista as diferentes facetas das suas vidas nesta cidade.

Ele que nasceu no interior do país, veio para a cidade com a revolução que acabou com a colonização. Católico não praticante, aplicado no trabalho, ocupou altos cargos administrativos durante a era colonial, ao mesmo tempo que desempenhava um papel relevante na luta clandestina contra o colonialismo, arriscando várias vezes a sua própria vida e a dos demais membros da sua família, em prol da Luta.

Essa experiência conferiu-lhe uma ampla visão do funcionamento dos serviços públicos.

Nos primeiros anos da independência, veio para a capital onde assumiu várias pastas no aparelho do Estado: Foi responsável da Informação e Propaganda do Partido no Ministério dos Antigos Combatentes, Director da Secretaria Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Chefe do Gabinete do Secretário-Geral do Partido, Presidente da Câmara Municipal, por último ocupou o cargo de Ministro da Informação.

Um dia, durante o Conselho de Ministros, desaprovou uma proposta do Partido que se prendia com a censura dos jornais privados. No dia seguinte, executando o seu ritual matutino de fazer café e ouvir o primeiro boletim informativo da Rádio Nacional, às seis horas de manhã, ouviu a leitura de um decreto do Governo que o destituía do cargo de ministro, nomeando o seu melhor amigo para o cargo que ele vinha ocupando com muito zelo e sentido de justiça.

Curiosamente a notícia não o surpreendeu. Na verdade, aquando da sua nomeação para esse posto, também soube que era ministro através da mesma Rádio Nacional, sem nenhuma consulta prévia. Aliás, como diz o velho ditado guineense, a pérola que apanhares numa sala de baile, numa sala de baile a hás-de perder.

O senhor Obopoló-camba-mar, levantou-se preguiçosamente, abeirou-se mais uma vez da janela, colou o rosto às persianas de madeira, pintadas de verde, que se mantiveram fechadas, espreitou pelas frestas e viu a rua cheia de lixos. Era uma verdadeira mexerufada de lixos com vida que andavam, saltitavam, alguns até voavam na boleia da poeira e do vento que também manifestavam o seu descontentamento, dando um apoio total e incondicional aos revoltosos, e fazendo um barulho de além-trevas.

O ar estava carregado de uma poeira acastanhada, os lixos estavam a partir tudo que encontravam pela frente, partiam carros estacionados na rua, alguns deixados no meio da estrada, com sinais de que os ocupantes os abandonaram precipitadamente, partiam vidros das montras, arrancavam árvores, batiam ferozmente nas janelas e nas portas de todas as casas, gritavam em uníssono: Justiça!... Justiça!.. Justiça!..

Apavorado o senhor Obopoló-camba-mar voltou para a sua pequena mesa de metal da cozinha arrastando os pés pesadamente, deixou cair o corpo numa das três cadeiras da cozinha, fixou os olhos no posto do rádio transistor e apurou os ouvidos despertando todos os seus sentidos. A rádio anunciava agora as reivindicações dos lixos. Eles estavam fartos de coabitarem na cidade com as pessoas humanas, pelo que reclamavam um tratamento adequado e com todo o respeito que é devido aos lixos, para o bem da saúde pública dos moradores desta cidade.

Uma brisa entrou sorrateiramente por debaixo da porta, invadiu a sala chegou à cozinha e espairou no ar um perfume nauseabundo que o estonteou. O senhor Obopoló-camba-mar passou a mão direita pela cara molhada de suor frio, ao mesmo tempo que segurava a cabeça com a mão esquerda.

Foi invadido de pavor ao lembrar o reboiço que tinha acabado de ver lá fora, lembrou-se do fedor dos lixos que vinha asfixiar a cidade, já de uns largos anos para cá, como se fosse um aviso, mas que ninguém nada fez para remediar a situação. Agora ele estava estremunhado entre a ficção e a realidade com um amargo sentimento de que ele também fora cúmplice, por omissão, desta revolta do lixo.

II

Dois dias e duas noites passaram-se sem que o senhor Obopoló-cambamar pudesse pregar o olho, passou os dias e as noites dentro da casa. Na madrugada da terceira noite foi sacudido pelo bater da porta, batiam insistentemente de uma maneira insuportável. Assustado, não quis abrir, agora parecia ter mais pessoas a baterem à sua porta e acabaram por arrombá-la, causando um grande estrondo que se ouviu por cima de todo o alvoroço que vinha da rua. A porta ficou suspensa por uma só dobradiça por onde baloiçava, languidamente, no escuro.

Os lixos entraram aos empurrões, queriam todos passar de uma vez pela porta enquanto outros escancaravam as janelas para entrarem: havia lixos de todas as raças, pretos, brancos, mulatos e até alguns com cara de estrangeiros. Faziam muito barulho, era um autêntico pandemónio. O senhor Obopoló estava tão apavorado que ficou de pé no meio de todo aquele reboiço sem dizer uma palavra, como se estivesse petrificado.

Estavam a saquear a sua casa debaixo da sua barba sem que ele pudesse salvar alguma coisa: Viraram tudo de avesso, levavam tudo quanto era possível ser levado: viu um lixo a levar a geleira pelas costas, um outro a transportar a televisão na cabeça, levavam tudo, entraram no seu quarto de dormir puxaram as gavetas da banquinha de cabeceira, esvaziaram-nas todas, levaram a cama, o colchão, sapatos, relógios, fatos, até a roupa interior, aquilo era uma autêntica razia, nada foi poupado e espetavam facas nos objectos que não podiam transportar à cabeça ou às costas.

Os que estavam na cozinha levaram as três cadeiras, a mesa de metal. Quando pegaram na sua máquina de café, deu um grito desesperado, saltou em direcção ao seu rádio, segurou-o com as duas mãos e apertou-o contra o peito. Isto ninguém me tira, a não ser que me tirem a vida.

O lixo que tinha ar de chefiar o grupo, deu-lhe voz de prisão sem alegar o motivo, contentando em gritar-lhe na cara que eram ordens do senhor doutor procurador geral dos lixos. Saiu à rua algemado segurando com as duas mãos algemadas o rádio encostado ao seu peito, que continuava a ber-rar a mesma música medonha do outro mundo, intercalada com as mensa-gens do Conselho Superior da Revolução.

O senhor Obopoló foi arrastando os pés, calçados com um par de chine-las de banho, com a camisa desabotoada, pediu um cigarro e um lixo enfiou-lhe na boca uma beata do cigarro que estava a fumar. Assim foram cami-nhando todos a pé, no meio da estrada rumo à esquadra.

Quando chegaram à esquadra, o lixo que chefiava o grupo que o prendeu, disse ao lixo oficial do dia, que o pusessem no sul. O senhor Obopoló-camba-mar pensou que lhe fossem mandar para o sul do país.

Mas afinal o sul em questão eram umas celas de isolamento onde não entrava a luz do dia, com um lavatório, uma torneira onde não saía água e que também servia de pia, não tinha nem cama, nem colchão, nem cadeira e nem mesa, o prisioneiro comia e dormia no chão de cimento húmido, passa-va todo o dia e toda a noite no escuro, porque nem lâmpada eléctrica tinham as celas do sul.

Passaram-se três meses sem que ninguém viesse falar com ele, enfiavam-lhe um prato de alumínio por debaixo da porta da cela uma vez por dia. A única companhia que tinha era o seu rádio que funcionava vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas, como se ele tivesse medo do escuro, mas infelizmente a rádio calou-se ao fim de uma semana, ficou sem pilhas.

Um dia, ele já nem sabia que dia era, vieram buscá-lo às duas da manhã, levaram-no pelos corredores iluminados com umas lâmpadas amareladas que lhe queimavam os olhos e o deixavam completamente cego.

Foi introduzido numa sala e começou a vislumbrar três silhuetas dos senhores lixos, um estava sentado a uma secretária com uma máquina de escrever à frente, um ao seu lado, foi aquele que abriu a porta e um terceiro que estava de pé junto à janela, esse era alto e muito magro, tinha uma chávena de café na mão e um cigarro aceso no canto da boca, estava uma cadeira no meio da sala.

O que estava a fumar olhou para ele de soslaio, com ar de desprezo no rosto e disse-lhe sem tirar o cigarro da boca: - Faça o favor de se sentar - indicou com os dedos, amarelados pela nicotina, a cadeira do centro.

Começaram a fazer-lhe várias perguntas que ele não compreendia nada, e antes de poder responder faziam-lhe uma nova pergunta. Finalmente ele percebeu que lhe perguntavam o que é que fez durante o seu mandato como Presidente da Câmara Municipal.

Abriu a boca para falar, mas estava tão fraco que só conseguiu balbuciar umas palavras apenas audíveis. O lixo-polícia que estava ao seu lado enfiou-lhe um tremendo soco no meio do rosto, ele caiu da cadeira, a sangrar pelo nariz. O magricelas de cigarro e café baixou-se estendendo-lhe a mão como se fosse para o ajudar a levantar-se do chão e ele segurou inocentemente a mão que lhe foi estendida. Nisto o mesmo que lhe segurava a mão deu-lhe um violento pontapé no estômago, o senhor Obopoló encolheu-se todo e ficou na posição fetal de uma criança dentro da barriga da mãe.

O lixo-polícia voltou a dar-lhe um pontapé na pontada, que lhe partiu duas costelas.

O outro que lhe tinha dado o soco no rosto vociferou:

- Levanta-te, xó cabrão de merda, senta-te! Não, põe-te de pé!

O senhor Obopoló soergueu-se com muitas dificuldades, perguntando o que é que lhe estava a acontecer, ficou de pé a tremer de raiva, de dor e de medo ao mesmo tempo. Puseram os dois pés laterais da cadeira em cima dos pés descalços do senhor Obopoló e o do café sentou-se pesadamente na cadeira. O senhor Obopoló deu um berro de animal ferido, mas o lixo-polícia nem se mexeu, continuou sentado na cadeira em cima dos pés descalços do prisioneiro e continuou a interrogá-lo. O coitado já nem compreendia o sentido das palavras. O polícia-lixo armado em boxista de meia tijela acendeu um cigarro e voltou a apagá-lo no peito do prisioneiro, este gritou de dor e disse que estava cansado, queria deitar-se no chão. Calaram-lhe logo a boca com uma bofetada.

O senhor Obopoló transpirava e tremia, de pés descalços com o outro sentado de pernas cruzadas em cima da cadeira a fumar e a sorver o café nas calmas, enquanto o seu colega se entretinha a acender e a apagar o cigarro na barriga e no peito do pobre senhor Obopoló que não parava de repetir que estava cansado e que já não aguentava mais. Os seus olhos estavam completamente inundados, a sua boca tremia de cada vez que falava, continuava a não compreender o que é que se estava a passar com ele.

A contorcer-se de dores e com faúlhas de sangue a saírem-lhe pela boca, dizia com constrangimento: - Estou cansado de dizer que estou cansado... estou cansado de estar cansado. - Repetiu várias vezes com uma voz desfalecida, sentindo toda a sua alma a apear-se do corpo.

A tortura continuou até por volta das seis horas da manhã, enquanto lá fora a revolução dos lixos prosseguia a sua marcha infernal: partiam carros alheios, pilhavam lojas, saqueavam as residências das pessoas acusadas de cumplicidade.

Faziam tanto barulho que ninguém podia ouvir os gritos do senhor Obopoló-camba-mar que continuava a ser humilhado e acusado de ser o único culpado do estado de delapidação da cidade.

O lixo-polícia, que até agora tinha permanecido sentado à secretária em frente da máquina de escrever, sem nada escrever e sem dizer nada durante todo o interrogatório, levantou-se, aproximou-se lentamente do arguido, tirou do bolso uma pistola *makarof* de fabrico soviético, meteu a bala na câmara fazendo muito barulho, encostou a boca do cano à cabeça do senhor Obopoló-camba-mar e sussurrou-lhe lentamente e devagarinho ao ouvido: -

Agora vais poder descansar para sempre - e carregou no gatilho, o tiro fez um estrondo que ecoou dentro do pequeno gabinete da esquadra.

O senhor Obopoló ao cair, antes de tocar o chão gritou-lhes: MAFINGHARAWÉ?.. (porque é que me estão a matar?..)



Poeta, autor-compositor, Carlos-Edmilson Marques Vieira (Noni), nasceu em Bissau a 15 de Julho de 1960. Findos os seus estudos liceais, trabalha no Centro de Documentação e Informação (C.D.I.) do Liceu Nacional de Bissau e publica os seus primeiros poemas em português no jornal do mesmo liceu "BANTABA", em 1980.

Apresenta-se pela primeira vez ao público em 1981, declamando seus poemas em crioulo, sua língua materna, no salão do III Congresso em Bissau, acompanhado do seu amigo José Manuel Forbes (Zé-Manel) uma das grandes figuras da música guineense.

Em 1984, parte para a França para continuar os seus estudos, onde obtém dois Diplomas de estudos superiores: *D.E.S.S. en Droit et Pratique des Affaires Internationales et, un 3^o Cycle en Relations Internationales Contemporaines*.

Em 1998, publica a sua primeira obra literária em Paris. Um livro de poemas em *bilingue*, português-francês intitulado **UM CABAZ DE AMORES /UNE CORBEILLE D'AMOURS**. Actualmente Carlos-Edmilson é Diplomata de carreira.



INSTITUTO CAMÕES
CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS
GUINÉ—BISSAU